

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TULANE OLIVEIRA DA PAIXÃO

**A COMUNIDADE COMO ELO RESTAURADOR DOS EFEITOS DO
RACISMO:**

reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na
cidade do Rio de Janeiro

Niterói - RJ

2022

TULANE OLIVEIRA DA PAIXÃO

**A COMUNIDADE COMO ELO RESTAURADOR DOS EFEITOS DO
RACISMO:**

reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na
cidade do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial à obtenção do título de mestre em
Psicologia.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade

Orientador: Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos.

Niterói – RJ
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

PAIXÃO, Tulane Oliveira da. **A comunidade como elo restaurador dos efeitos do racismo:** reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2º semestre de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos – UFF

Prof.^a Dr.^a. Luiza Rodrigues de Oliveira – UFF

Prof.^a Dr.^a Vanessa Menezes de Andrade – Kanda Ìmárale

Edimara Helena Alfredo de Souza – Grupo Afro Agbara Dudu

NITERÓI

2022

A comunidade, efetivamente, me trouxe ao mundo e é a ela, ao qual também agradeço, que dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Ya mi Oxum, pelo renascimento.

A todos os orixás e erês pelo acolhimento, aprendizado e cuidado em meio ao sagrado.

À minha mãe, meu pai, avós tios e família pelo apoio incondicional no campo visível e invisível.

Ao orientador, Abrahão Santos, pelo cuidado, guiança e orientação.

À banca de qualificação em nome das Prof. Luiza Rodrigues de Oliveira, Prof. Fátima Lima e Vanessa Andrade Oliveira pelos direcionamentos e leituras tão atentas.

Ao Laboratório Kitembo pelas discussões profícuas e pelo chão.

À Armanci Santos (in memoriam), pelas palavras inesquecíveis de força

À Arcimi Santos e Celsinho Andrade pela compreensão, apoio e paciência

À G.R.C.E.S.M Filhos da Águia da Portela, pela continuidade

Ao Quilombo Urbano Cultural Agbara Dudu/MNU, terreno de tanto espaço e afeto, em nome de Mário Júnior, Tânia Márcia, Elias José, Edinho Oliveira (in memoriam), Gabriel Lopes, Eduardo Reis, Edna Maria, Áurea Estela, Luiz Cláudio, Edmara Helena, Sylvinha, Anyê e Luan.

À Kanda Ìmárale, em nome de Vanessa Andrade por ser também espaço de cura e direcionamento.

A todas as instituições pelas quais passei e que restauraram a minha dignidade em ser pessoa.

Aos amigos pela parceria

À André Machado pelo imenso apoio

À casa do candomblé Egbe Ile Omo Layo Oguian ti Yemonjá, em nome da Yalorixá Márcia de Osoguan.

À CAPES, pelo apoio financeiro e científico.

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara pra trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo mapear como as relações comunitárias atuam no processo de fortalecimento de pessoas pretas a partir das experiências da autora, uma jovem negra retinta moradora do bairro de Oswaldo Cruz. Além disso, buscou-se compreender de que forma o racismo e suas expressões atuam provocando uma desconexão de pessoas negras de sua história, corpo e potência para, em seguida, explorar de que forma a recuperação de uma memória de luta e a relação de pertencimento atuam como processo de cura e subjetivação negra. O referencial teórico parte do referencial teórico convocaremos, principalmente, mas não só, intelectuais negros e negras brasileiros e brasileiras que há décadas vêm denunciando e apontando os efeitos do racismo e da dinâmica desigual brasileira, mas que permanecem frequentemente sendo ignorados na maioria das produções acadêmicas.

Palavras-chave: pertencimento, memória, racismo, psicologia

ABSTRACT

The present work aimed to map how community relations act in the process of strengthening black people from the experiences of the author, a young black woman living in the Oswaldo Cruz neighborhood. In addition, we sought to understand how racism and its expressions act causing a disconnection of black people from their history, body and power, and then explore how the recovery of a memory of struggle and the relationship of belonging act as a process of healing and black subjectivation. As part of the theoretical framework, we mainly convene black intellectuals who for decades have been denouncing and pointing out the effects of racism and unequal Brazilian dynamics, as well as highlighting African and Afro-diasporic knowledge but which remain frequently ignored in most academic productions.

Keywords: belonging, memory, racism, psychology

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. APRESENTAÇÃO | 9 |
| 2. INTRODUÇÃO | 12 |
| 3. DIRETRIZES METODOLÓGICAS E POLÍTICA DE PESQUISA | 22 |
| 4. CAPÍTULO I: RACISMO, DESCONEXÃO E SAÚDE MENTAL | 30 |
| 4.1 Desconectando a potência..... | 34 |
| 4.2 A política do constrangimento | 38 |
| 4.3 Laboratório Kitembo: O início de uma reparação | 42 |
| 5. CAPÍTULO II: RECUPERANDO UMA MEMÓRIA DE LUTA: OSWALDO CRUZ, QUILOMBO DO SAMBA | 47 |
| 5.1 Quilombo Urbano Cultural Agbara Dudu/MNU: A força negra | 48 |
| 5.2 G.R.C.E.S.M. Filhos da Águia da Portela: A continuidade..... | 57 |
| 6. CAPÍTULO III: REINTEGRANDO: SER É PERTENCER | 60 |
| 7.1 Ver e ser visto: Um relato | 65 |
| 7. O QUE É SER UMA PESQUISADORA NEGRA? Uma nota | 68 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 73 |

1. APRESENTAÇÃO

Aprender a ler e a escrever, ir ao encontro, encarar a possibilidade de um pensar sobre um eu-coletivo – efetivamente sobre o povo do qual eu faço parte – não é tarefa fácil. Me debruçar sobre o exercício intelectual, redescobrir autores-pensadores-parceiros-guerreiros que se dedicaram a esse ofício; re-acessar temas dolorosos e potentes tendo como pulsação tantas lembranças e vivências e a vida diária incessantemente marcada pela experiência do racismo, é um desafio o qual escolhi.

A entrada na pós-graduação, o retorno à universidade e o próprio mestrado em si, se deu em uma experiência de abismo entre expectativa e realidade. Na verdade, o único desejo que tinha era o de fazer, coletivamente, um trabalho. O que sustentava este desejo era a possibilidade de poder pesquisar com o Laboratório no qual me formei, onde pude alimentar e ser alimentada, com o grupo que deu sentido a minha formação a nível intelectual, pessoal e afetivo e, mais tarde, ao longo do texto, vocês saberão o porquê. O Laboratório Kitembo de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira, vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenado pelo Prof. Dr. Abrahão de Oliveira Santos, que marcou minha trajetória na graduação em Psicologia realizada nesta universidade, nunca deixou de fazer parte de mim e, felizmente, pude retornar a este grupo que pacientemente acolheu e orientou, além desse trabalho, meu percurso enquanto profissional.

Este texto atravessou tempos. Tempos de renascimentos, adoecimentos, reviravoltas mundiais, relacionais e espirituais. O meu renascimento espiritual e a entrada em uma casa de candomblé, uma pandemia de caráter mundial que virou o mundo de pernas para o ar e modificou completamente nossas relações, uma pós-graduação realizada quase inteiramente à distância e o acompanhamento de tantas mortes, foram marcas e marcos indelévels e fundantes que constituíram essa escrita.

De qualquer forma, a pesquisa que aqui desemboca, deságua, chegou outra. De forma que, poucos meses, talvez semanas, após a entrada no programa de pós-graduação ela já havia se modificado e continuou, até o fim, em transformação e movimento, pois os saberes, informações e as condições de pesquisa foram reformulados e rearticulados. Este texto é fruto de uma série de encontros, palavras e pensamentos, efeitos de um dos

sentidos que, como mencionei anteriormente, tinha decidido que o mestrado teria para mim: o poder de construir, coletivamente, uma pesquisa, um trabalho. Necessário reafirmar que neste processo estive com amigos, por meio deles e, portanto, parceiros de pesquisa, que pude escrever e permanecer. Ter ficado de maneira não tão desconfortável como poderia ser, não tão desagradável como poderia ser e nem tão desastrosa como poderia ser. Ter com quem olhar, respirar, beber, estudar, aprender, foi absolutamente essencial em uma trajetória acadêmica que é tão frequentemente enquadrada em um lugar de sofrimento.

Este trabalho trata de um conjunto de reverberações que têm me acompanhado nos últimos anos e que dizem respeito a como as relações comunitárias atuaram na restauração da minha conexão com a vida, com meu corpo, com minha história e potência. Aqui, pode-se ler também: na restauração da minha conexão com a vida, corpo, história e potência de outras pessoas pretas, enquanto povo negro.

Quis me provocar a pensar, e debruçar a partir da pesquisa, de como essas relações já atuam e podem atuar no fortalecimento de outras pessoas pretas. De como podem ser caminho de cuidado pensados, sentidos e vividos por nós enquanto pessoas pretas, por nós, profissionais psi, por nós, profissionais da saúde que cuidam de outras pessoas pretas nos diversos espaços que ocupamos. Do espaço de morte matada, sobretudo, mas especialmente de morte simbólica, de morte sentida, em que muitos de nós nos sentimos perdidos, solitários e desconectados de nossa potência, me parece urgente recuperarmos, inventarmos, olharmos e escutarmos as nossas próprias formas de cura e sobrevivência.

Motivada, então, a princípio, pela minha experiência, que é a de uma mulher jovem, preta, retinta, nascida no bairro de Oswaldo Cruz, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, construo esta reflexão, esta proposta de pensamento de caráter exploratório e investigativo, costurando a discussão presente na literatura com o percurso de um eu-coletivo. É, de certa forma, um trabalho que entrecruza aspectos clínicos, históricos e vivenciais. A intenção é que possa ser uma leitura provocadora e reflexiva não só sobre os impactos da dinâmica do racismo na formação subjetiva e experiencial de pessoas pretas enquanto indivíduos e enquanto povo, mas sobretudo que possa propiciar a consideração de outros caminhos e possibilidades de reparação.

Em termos de estrutura e conteúdo, o texto se desenha da seguinte forma:

A Introdução, aqui no início, visa situar o leitor fornecendo as motivações da pesquisa, de onde ela surge, hipóteses, objetivos e perspectivas das quais partimos. Em “Diretrizes Metodológicas e Política de Pesquisa”, elucidamos parte do processo de composição do trabalho no que diz respeito ao entendimento do objeto de pesquisa, da relação da pesquisadora com o campo, bem como algumas tensões presentes neste universo.

No caminho de investigação da perspectiva de que essa relação com a comunidade pode atuar de forma a promover uma conexão ou reconexão com as várias dimensões da vida, tornou-se necessário compreender em que momento ou de que formas o racismo produz desconexões e quais os seus efeitos. A isso se refere o Capítulo I: Racismo, desconexão e saúde mental. No Capítulo II, a proposta é trazer a experiência em duas instituições do bairro de Oswaldo Cruz, traçando os efeitos da recuperação de uma memória de luta que elas proporcionaram. Por fim, no Capítulo III, falaremos ainda sobre essas experiências, apontando como essas relações comunitárias atuam no reparo de algumas feridas e necessidades que são *truncadas* pela dinâmica racial, compreendendo também o lugar da comunidade em perspectivas africanas e afro-brasileiras. Ao longo dos três capítulos buscaremos apontar sobre como essas experiências se relacionam com a saúde mental e a formação subjetiva da população negra.

O professor Abrahão, nas orientações e encontros coletivos, por algumas vezes falava da talvez conhecida frase de Lélia González: “agora o lixo vai falar”¹ e eu nunca entendia o sentido desta frase, até me dar conta que eu fazia parte do lixo, até me dar conta de que eu era parte deste lixo do qual Lélia falava. Não sabia, até reconhecer o cheiro podre da insegurança que me circundava. O cheiro tem uma coisa curiosa: Você se acostuma com ele e eu já estava tão acostumada que simplesmente não me dava conta. Nesse sentido, ter tido essa percepção, somada à leitura de que um certo lugar e sensação fora produzido em nós, negros – o lugar da insegurança, da incapacidade, da baixa autoestima, da não legitimidade –, é entender que esse texto tem um caráter de insurgência e de exercício da possibilidade de existência a partir de um outro lugar. É como se eu

¹ “(...), o lixo vai falar, e numa boa.” É uma frase presente no ensaio Racismo e sexismo na cultura brasileira, de autoria de Lélia González e apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, no IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, de 29 a 31 de outubro. No referido ensaio, Lélia traz a população negra como a lata de lixo da sociedade brasileira, a princípio fazendo alusão ao lugar destinado às pessoas de cor no jogo de dominação racial. (GONZALEZ, 2018).

afastasse a podridão e, do lixo, emergisse uma possibilidade. Maria Carolina de Jesus sabia...

Boa leitura!

2. INTRODUÇÃO

Lembro que meu caminho sempre foi o estudo. Desde pequena, quando criança, até o presente momento da escrita desta dissertação, a educação sempre foi o centro da minha vida e o foco do investimento de minha família direcionado a mim. Parecia que tudo que se localizava nessa seara era sagrado: dentro do possível, não podia me faltar nada.

Isso se torna evidente quando hoje, ao olhar para trás, percebo que grande parte das minhas lembranças são das trajetórias indo e vindo da escola. Desde os três anos, na escolinha aqui perto de casa, em Oswaldo Cruz, até o Ensino Médio e a universidade, meus caminhos pelo bairro eram sempre de passagem ao “Centro Educacional”. De alguma forma também sempre fui uma criança e adolescente voltada para dentro: dentro de casa, dentro de mim e, no máximo, no perímetro que corresponde ao quarteirão de casa. Era o que considero hoje - no que diz respeito à circulação no bairro - uma *transeunte*. Oswaldo Cruz era lugar de passagem onde meus olhos nem cabiam. Era apenas um *ir e vir*. Entretanto, esse bairro, ainda que eu não notasse, me cuidava há muito. Me cuidava por meio do abrigo do registro dos passos que vêm de longe, por ter abrigado a minha e a tantas famílias. Estas e todas as vidas que passaram por ali, povoaram de história e memória um campo quente e fértil para que eu pudesse caminhar e crescer.

Minha família materna, até onde temos registro, veio morar em Oswaldo Cruz na década de 1930. Na escritura, consta que meu bisavô materno Adelino José de Oliveira (*in memoriam*) comprou o terreno que abriga nossa casa em 1934. A família da minha avó materna também, ao que tudo indica, já morava em Oswaldo Cruz nessa mesma época. -Minha avó Ivani, mãe de minha mãe, com quem eu cresci, era semianalfabeta. Só sabia assinar, ler alguns nomes e números – e era a pessoa mais perspicaz que conheci. Me surpreendo hoje e a cada vez que descubro uma nova história sua, ao pensar em sua capacidade de conseguir as coisas na vida não só para si, mas para os outros, desde

familiares até vizinhos e amigos. Isso sem o domínio da palavra escrita. Minha *vó* sem dúvidas tornou-se meu primeiro exemplo vivo de uma espécie de *solidariedade comunitária*. Soube que suas articulações iam desde solicitações administrativas para algumas pessoas até o abrigo de familiares e amigos em nossa casa/terreno. Nascida em 1934, compartilhou da realidade de uma parcela significativa da população negra de sua geração: Uma geração que viveu, de forma muito próxima, os efeitos do que o movimento negro denunciou como a *falsa abolição*, onde se vivia a contradição de uma sociedade livre, mas de mobilidade restrita para a população negra.

O sacrifício e a luta, palavras que escuto com frequência, eram e ainda são dimensões bem próximas nessa família, inclusive no que tange à educação. Por tudo que sei e ouço, o acesso à educação passava sempre pela dimensão de um *esforço*. Nesse sentido, é possível entender como, mais que o direito, a possibilidade de me educar, era algo da mais suprema relevância e orgulho. Foi por meio do sacrifício e da luta desta família, dos ainda presentes e dos que já se foram, além de todas as pessoas negras que resistiram e lutaram até aqui, que tive e estou tendo essa oportunidade que hoje vem carregada de ressignificações e possibilidades, da qual partilharei mais tarde.

Iniciei na educação formal aos dois anos em uma escola no bairro. Aos quatro já estava alfabetizada e logo adentrei no Ensino Fundamental em uma escola particular da região, onde permaneci até a oitava série - atual nono ano - no turno da tarde, com o auxílio de uma bolsa de estudos parcial. No término desse ciclo, fui cursar o Ensino Médio – também com o auxílio de uma bolsa – em uma instituição em Madureira, bairro vizinho. Nessa época, seguindo os “rigores do colégio”, estudava em tempo integral, incluindo às vezes aos finais de semana com simulados e aulas extras. Ao fim do terceiro ano, em 2010, prestei os exames para o vestibular e decidi ingressar no curso de graduação em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, no Campus Gragoatá em Niterói, no começo do ano de 2011. Nesse momento, estava prestes a ter 17 anos (sim!). Ao longo dos seis anos em que estive na faculdade, uma boa parte deles morei em Niterói, em algumas repúblicas e, por volta da segunda metade do curso até o final, ia e vinha de casa, de Oswaldo Cruz. No meio deste percurso, também realizei um intercâmbio de um semestre na Pontificia Universidad Javeriana em Bogotá (CO), estágios na Barra da Tijuca e em São Cristóvão, ambos no Rio de Janeiro e no Largo da Batalha, em Niterói.

O tempo que eu passava efetivamente em Oswaldo Cruz, portanto, era muito restrito. Quando morava em Niterói, voltava para casa às sextas ou sábados e retornava no domingo ou segunda, a depender dos horários do semestre e no período em que permaneci em Oswaldo Cruz, já chegava à noite e exausta na maioria das vezes. Na vizinhança, era conhecida como “a menina que estudava” e “a sumida”. Minha mãe na época fazia o papel de informar às pessoas a respeito e, de certa forma, justificar a minha ausência: “É que ela está em Niterói”, “Ela foi fazer um intercâmbio na Colômbia” ou “Foi fazer uma prova”, ou qualquer outra coisa do gênero. Dessa forma, a ausência era a regra, e não a exceção.

O círculo social se concentrava bastante tanto em Niterói, como no eixo Centro-Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro - de onde era grande parte dos colegas com quem estudava - além desse eixo concentrar a maioria das palestras, eventos e congressos; um infeliz reflexo da construção desigual da cidade. Importante dizer que, durante todo o meu tempo de vida até aqui, Oswaldo Cruz sempre foi apenas o bairro onde morava, “de onde eu era”. Uma informação quase burocrática e sem significado. Lembro, inclusive, que por muito tempo na universidade, quando me perguntavam “de onde eu era”, eu costumava dizer que era de Madureira, o bairro vizinho mais conhecido, porque as pessoas não saberiam onde era Oswaldo Cruz e eu tampouco tinha muito interesse em fazer com que soubessem.

Apesar da Universidade Federal Fluminense, em comparação com as outras universidades do Estado do Rio, ter uma composição aparentemente plural por um lado, pois recebia muitos estudantes de outras cidades e, em certo momento, intercambistas, ao mesmo tempo preservava a áurea de uma universidade pública federal: com a maioria de estudantes brancos, provenientes de “bons colégios” de classe média. Era um ambiente elitizado. O curso de Psicologia, tal qual esse panorama, carregava as mesmas marcas de composição. Na minha turma, de mais ou menos trinta alunos, reconheço que apenas três eram negros, fato que se repetia na composição das outras turmas, bem como no corpo docente. Até o momento de escrita dessa dissertação, por exemplo, de quarenta e três professores vinculados ao Departamento de Psicologia da universidade², apenas três são autodeclarados negros. É uma amostra da repetição do ambiente de confinamento racial

² Informação retirada da página oficial do departamento de psicologia da Universidade Federal Fluminense. <http://gsi.sites.uff.br/docentes/> Acesso em 15 de julho de 2021.

acadêmico ao qual Carvalho (2006) analisou, mapeando o domínio de docentes brancos nas maiores instituições universitárias do país como resultado de um regime herdado historicamente. Essa composição, mais visivelmente no corpo discente, tem gradualmente mudado graças à adesão das políticas de ações afirmativas.

Por fim, concluo a graduação no início de 2017 e volto, de forma permanente, para Oswaldo Cruz e apesar de ter nascido e crescido aqui, com uma família tendo fortes raízes no bairro, tinha uma enorme sensação de não-pertencimento, de deslocamento. Me sentia uma estrangeira. O deslocamento geográfico que experimentava até então era apenas o aspecto mais visível, “a ponta do iceberg”, de uma série de outros deslocamentos e distanciamentos psicológicos e emocionais, como veremos adiante, porque a sensação de não-pertencer já era antiga e me acompanhava desde os tempos de escola. A sensação de estar perdida, de não saber como seguir a partir dali reinava junto a um sentimento de muita insegurança. Havia recém acabado a graduação e já me ocorria a - recorrente - sensação de não saber. Além disso, era como se também não tivesse nada que pudesse oferecer.

Foi então, que neste mesmo ano, as coisas começaram a mudar. Primeiro, me foi ofertada a possibilidade de começar a realizar atendimentos psicoterapêuticos com valor social no Centro Comunitário de Capacitação Profissional Paulo da Portela (CCCP Paulo da Portela), um centro comunitário localizado na minha rua, onde também funciona a associação de moradores do bairro. Dali, além de realizar os atendimentos, passei a integrar o Conselho Gestor da instituição, que era um grupo responsável pela administração e cuidado do espaço, elaboração de atividades e projetos.

Um tempo depois sou levada gentilmente pelo meu amigo Mário Júnior, exímio compositor e morador da área, a conhecer a obra do que seria a atual sede do Grupo Afro Agbara Dudu em conjunto com o Movimento Negro Unificado (MNU). O “Agbara Dudu” ou “Agbara” como dizemos costumeiramente, é uma organização cultural, considerado o primeiro bloco afro da Região Sudeste, fundado na divisa Oswaldo Cruz-Madureira, em maio de 1982. Tem uma história belíssima de atuação junto à comunidade negra suburbana no eixo da arte, cultura e educação. Agbara promovia oficinas diversas, encontros musicais e de socialização, trabalhos educativos e suas famosas “Noite da Beleza Negra”, um evento cultural que agregava milhares de pessoas. Junto ao Mário, Elias José, naquele momento um dos presidentes da entidade, me apresentava, com os

olhos brilhando, a casa ainda em reforma. Elias contava que ali naquela mesma área onde estávamos, ao redor da Praça Paulo da Portela, havia um quilombo. Meus olhos também brilharam. E, a partir do dia da inauguração, o simbólico 20 de novembro de 2017, comecei a frequentar e participar das atividades e nunca mais saí de forma completa, tendo me afastado pouco antes da pandemia devido ao acúmulo de atribuições, inclusive a pós-graduação. Nesse meio tempo, em 2019 também fui convidada a integrar, enquanto diretora de projetos, a Filhos da Águia da Portela, escola de samba mirim da G.R.E.S. Portela.

Pois bem, chegamos até aqui para dizer que minha relação com Oswaldo Cruz e, sobretudo comigo, se transformou. Meu corpo é diferente. A forma como eu ando na vida, a forma como eu ando pelo bairro, como eu olho ao redor e como enxergo as coisas, as casas, as construções e até a forma como eu me conecto às pessoas se transformou. Hoje, sinto o meu caminhar e o movimento das minhas pernas, ando com tranquilidade – ainda que às vezes com pressa –, acompanhando as crianças indo à escola, encontrando vizinhos e conhecidos. Não existe uma ansiedade, nem uma pressa em sair dali, como se ali eu não pertencesse. De transeunte – a menina que andava em Oswaldo Cruz só de passagem –, hoje me reconheço outra pessoa ou, pelo menos, de outra forma. A comunidade, nesse momento formada por esse conjunto de pessoas, encontros, ruas, relações, grupos, instituições, havia, aparentemente, me dado um chão e transformado minha, até então, relação de não-pertencimento.

Através do contato com pessoas, majoritariamente, mais velhas e negras, que pude conhecer toda uma movimentação de luta, para além dos muros da universidade, acionando e agenciando um outro corpo e uma outra visão sobre a vida. Além disso, ao mesmo tempo, era acolhida em minhas ideias, podia falar e ser ouvida, era reconhecida em meu potencial de contribuição e solicitada a atuar, o que foi construindo um outro senso de responsabilidade e implicação. Reconheço que parte desse processo de conexão ou reconexão (que floresceu em muitos âmbitos), se deu, primeiramente, a partir de minha *presença*.

Poder estar aqui, de onde escrevo atualmente – e não apenas *passar* por aqui – acredito que foi a primeira condição para poder rever e experienciar muitas e muitas coisas novas. Estando aqui, comecei a ouvir minha mãe, bem como outras pessoas moradoras do bairro e arredores. Comecei a ir com minha mãe em alguns lugares

próximos, a ir à feira juntas, encontrar pessoas pelo caminho (o dia da feira é sempre um dia de encontros) e aos poucos, conforme isso ia acontecendo, ela e outros amigos contavam-me que atividades funcionavam em certos lugares; que no bar onde estávamos acontecia um pagode, que a senhora que encontramos no caminho era amiga da minha avó, e por aí vai. Isso foi reconstruindo uma rede invisível, mas, ao mesmo tempo muito concreta de sustentação dentro desse espaço. Comecei a ouvir sobre mim e minha família. Comecei a ouvir histórias de outros relacionamentos. Comecei, ao mesmo tempo, a reconhecer e a integrar Oswaldo Cruz. Posso dizer que, de alguma forma, através de lembranças contadas, palavras, imagens, pude me conectar à minha história. Que, através de algumas histórias, construí e estou construindo memórias. Estando aqui, passei a ser reconhecida como *filha da minha mãe e neta dos meus avós*. Eles diziam: “Você é filha da Ana, né?”, “Nossa, como você parece com seu avô! Ele era alto assim, esguio. Como ele andava por aqui... Todo de linho, de branco.”, “Ela é neta do Jaú!”. Eram vozes e experiências que iam recebendo meu corpo de volta no mundo.

Ao mesmo tempo, as experiências nas instituições iam construindo um sentido de luta e atuação, que antes não existia. A escuta atenta dos movimentos históricos, dos feitos já realizados e dos sonhos do porvir me davam a dimensão enorme de realização em contraste à invisibilidade dessas histórias, tanto a nível local, do bairro e arredores, quanto a nível global representativo da população negra. Tomada então, pelos *efeitos que experimentei*, percebi que seria interessante tornar esse conjunto de experiências um campo de pesquisa e reflexão.

Diante disso, a intenção é compreender como a relação com a comunidade atua no fortalecimento de pessoas pretas e na reparação dos efeitos do racismo. Qual o impacto da retomada desses laços, dessa dimensão na subjetividade, ou seja, na produção de um corpo, de um modo de ver a vida, de estar no mundo, de sentir, em pessoas pretas?

A comunidade me chega através da minha casa, das casas e dos muros do bairro. A comunidade me chega através das lideranças negras que encontro. A comunidade me chega através das movimentações negras que existem, seja na minha história – da minha família – seja nas articulações políticas, culturais e sociais que por muito desconheci e ainda desconheço, mas que trazem a agência e o protagonismo desse povo do qual hoje, com muita honra e orgulho, sei que faço parte. A comunidade me chega através da minha

mãe, dos nossos amigos e dos vizinhos e ela é composta majoritariamente por pessoas e memórias negras.

Seja por meio do resgate do que chamaremos de uma memória de luta, seja por meio do fortalecimento de vínculos e da construção de um senso de pertencimento, seja atendendo a necessidades importantes como a de conexão, de ver e ser visto, tocar e ser tocado e de se sentir bem-vindo no mundo, as relações com seu território, com vizinhos, família, o contato com sua história ancestral-espiritual, tudo isso sinto que vai recompondo uma teia que o racismo insiste em cortar. Foi por meio do reencontro com alguns estudos e da troca com outras pessoas pretas, também nos encontros de grupos de estudos com a Kanda Ìmárale³, onde sempre estávamos pensando e elaborando sobre os atravessamentos do racismo em nossas existências que fui encontrando eco e sentido para aqueles afetos, sensações e reforçando a potencialidade da pesquisa. Fui encontrando pistas do porquê, além de mim, outras pessoas pretas eram atravessadas por esses mesmos sentimentos de dissociação, não-pertencimento, falta de sentido e dificuldades com autoestima. Foram revelando-se então pistas de que havia uma certa produção de experiências que não eram individuais, mas coletivas.

Na última Cartilha divulgada pelo Ministério da Saúde sobre Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros, entre 2012 e 2016, os dados revelam que a cada dez suicídios na faixa etária de 10 a 29 anos, aproximadamente seis ocorreram com pessoas pretas. A publicação revela que o suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros, que têm 45% a mais de chances de cometê-lo (BRASIL, 2018). Além disso, o Ministério reconhece que o sentimento de não-pertencimento, de exclusão e não aceitação de si, figuram entre os determinantes do quadro, o que são já fortes indícios da necessidade de nossa atenção sobre eles. Ressaltamos, então, que dentre os riscos e fatores que contribuem para a tentativa e efetivação do suicídio estão o racismo, a rejeição e a discriminação, bem como outros componentes como desemprego, conflito armado, perda de parentes e amigos, depressão, entre outros (BRASIL, 2018), sendo os citados altamente incidentes na população negra mediante às vulnerabilidades sociohistóricas que o próprio racismo gera nessa população. A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, também já reconhece o racismo, as desigualdades étnico-raciais e o

³ Kanda Ìmárale é uma organização gestada por Vanessa Menezes de Andrade, negra mulher, mãe e psicóloga, nascida no Cantagalo promover estudos e ações voltados ao fortalecimento da comunidade negra tendo como foco o cuidado.

racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde (BRASIL, 2010).

No campo da Psicologia, apesar da existência de alguns trabalhos, ainda notamos pouco interesse e repertório no que se reflete às problemáticas oriundas do racismo e do processo de colonização (CRP, 2017). Vários estudos apontam para a baixa quantidade de publicações referentes à temática, bem como a necessidade de realização de novos trabalhos que possam contribuir com o campo (SACCO; COUTO; KOLLER, 2016; DAMASCENO; ZANELLO, 2018), ainda aparecendo perspectivas individualizantes na compreensão do racismo (FEDERICO, 2012). Nos resultados parciais da pesquisa “As Publicações das Revistas de Psicologia: Uma Análise da Abordagem da Questão Negra e do Pensamento Social Brasileiro” verificamos que, em uma amostra de 750 artigos, de quinze publicações de Psicologia de *Qualis* A1 e A2 no ano de 2010, apenas onze deles tratam da questão negra. Esses resultados evidenciam o silenciamento do campo psi a respeito das experiências de uma parcela que é mais da metade da população brasileira, segundo o último Censo do IBGE (PAIXÃO e SANTOS, 2017).

A questão racial, entretanto, penetra e molda o campo das relações sociais no Brasil (e no mundo), desde sua fundação. O racismo se expressa em diferentes situações – na forma de morrer, no acesso à educação, nas condições de trabalho e moradia, nos índices de suicídio⁶ e até no índice de desenvolvimento de doenças crônicas⁷ e doenças evitáveis⁸, que ocorrem majoritariamente em pessoas negras. Sem contar os constantes problemas de autoestima e senso de valor que geram ainda menos visibilidade e atenção. São expressões que marcam o intenso sofrimento que é viver em uma sociedade antinegro. Respirar os ares invisíveis do desprezo e, a partir disso, constituir-se, não é nada fácil. É, em muitos sentidos, doloroso.

Em “O Enegrhecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional”, Santos (2019) nos aponta, tendo como referência as práticas de cuidado das religiões de matriz africana, elementos fundamentais que compõem esse modo de cuidar e que tiveram grande importância na história da resistência da população negra no Brasil. Princípios e valores como o acolhimento, a comunidade, a ancestralidade e a memória aparecem como dimensões significativas no processo de cura dos efeitos do racismo.

O que muitas vezes chamamos autonomia, pelos profissionais da atenção à saúde mental, por exemplo, não é senão a capacidade da pessoa agir

isoladamente. O Psiquiatra francês Nathan denuncia que as psicoterapias científicas ou modernas (a psicopatologia, a psiquiatria) produzem o “isolamento deliberado dos pacientes” (Nathan, 1995, p. 13), produzem desvinculação do paciente dos seus semelhantes, o que nós dos movimentos negros poderíamos chamar de despertencimento. Da forma social do isolamento, Nobeit Elias identifica a produção de “angústia” e “vazio existencial” (Elias, 1994, p. 103), de onde surgem inúmeras modulações do sofrimento psíquico, como depressão, pânico, doenças psicossomáticas, desesperança, alcoolismo. (SANTOS, 2019, p. 165)

Entendemos que os princípios e valores mencionados acima, sobretudo a importância da comunidade, estão alicerçados em uma perspectiva de mundo que podemos chamar de afro-pindorâmica⁴. Dentro do que aponta como a “mudança das condições epistêmicas para a formação profissional e o trabalho da Psicologia.” (Ibidem, p.159), indica a necessidade de, na formação, psicólogos e psicólogas entrarem em contato com perspectivas e saberes não ocidentais, com outros modos de ver e viver o mundo e, também, de cuidá-lo. Aprender, com a população, com o povo de terreiro, como eles têm se cuidado. São essas perspectivas que apontam e que dão a direção para um “tratamento coletivo de nós mesmos” (Ibidem p. 164).

Na graduação em Psicologia, o tema de meu trabalho de conclusão de curso para obtenção de grau de psicólogo, intitulado “Eu canto samba porque só assim eu me sinto contente: o samba como produção de cuidado da população negra”, desenvolvido ao longo do ano de 2016, foi talvez o início desse processo em meu percurso. Na época, um marco propulsor que propiciou que o samba penetrasse minhas inquietações, partindo da experiência para o campo acadêmico, a partir de uma experiência em uma das edições da Feira das Yabás⁵, na Praça Paulo da Portela, em Oswaldo Cruz em junho de 2016.

Estava mais ou menos no meio da Praça quando tocou um som assim arrepiante. Era algum samba que falava de preto-velho, da senzala, não lembro agora exatamente qual era a música⁶ mas todo mundo cantava, e cantava de um jeito diferente, sabe?! Com vontade! Naquele momento ao deparar-me com a exuberância de pessoas negras cantando de maneira atraente e cativante, pude sentir o acolhimento, conforto e o

⁴ afro-pindorâmica é uma nomenclatura posta como um exercício político por Antônio Bispo dos Santos e que se refere à confluência entre os povos pindorâmicos (originários da América do Sul) e africanos e seus descendentes. Pindorama é uma expressão tupi-guarani que significa Terra das Palmeiras.

⁵ Feira das Yabás Yabás era um evento realizado mensalmente na Praça Paulo da Portela, em Oswaldo Cruz, composto por uma feira gastronômica e apresentações musicais. O evento carrega esse nome por ser uma homenagem às “tias do samba”. A feira gastronômica é composta por comidas típicas da região e do mundo do samba, preparadas pelas homenageadas e suas famílias. É um evento público e gratuito.

⁶ Possivelmente *Yaô*, de Pixinguinha e Gastão Vianna

sentimento de pertencimento, isto é, aquele samba cantado e festejado daquela forma me causou um transbordar de sensações, pois ao integrar aquela multidão preta, diferente, porém coesa, experienciei também um sentimento mágico, um sentir inexplicável: O sentimento de estar em casa. A partir desse momento comecei a pensar o que estava envolvido naquela emoção. Foi um exercício pensar o samba e essa inquietação como possibilidade de campo de pesquisa e de produção de conhecimento. Na verdade, foi a descoberta de uma relação possível entre a minha vida, a vida dos meus, e a academia.

Comecei o trabalho falando brevemente da vinda dos africanos para o Brasil, das heranças trazidas, entre elas o samba, e fui percebendo que ele reunia alguns elementos importantes: a roda, a musicalidade, o ritmo, as pessoas, os encontros, as composições... Vários elementos que, com suas funções, reinventados em diáspora, faziam parte de uma continuidade cultural e que juntos produziam um efeito benéfico onde nós, pretos; nos regenerávamos, aprendíamos sobre nós. Como anuncia um trecho da música “Nos Pagodes da Vida”, famosa na voz do cantor e compositor Reinaldo: “O samba é terapia popular”. O que a psicologia então poderia aprender com isso? Quais as dimensões terapêuticas do samba? Como isso poderia nos ajudar a criar uma psicologia mais assertiva, que considere a história e a experiência afro-brasileira?

A proposta então era poder pensar a saúde a partir disso, ou melhor, a produção de saúde – que no trabalho está referenciado como cuidado – trazendo essa dimensão que considero como política das rodas de samba. Não era só folclore, resistência, algo alegre ou descompromissado. Era modo de vida, referência de valores caros e necessários à nossa existência, a existência da população negra. Se já se ignora, frequentemente, os processos de subjetivação de pessoas pretas no Brasil, mais raro ainda me parece alcançar, de maneira não-reducionista, as políticas e práticas de cuidado que essa própria população carrega consigo e que tem permitido sua sobrevivência no mundo.

Na época, início de 2017, muito emocionada, apresentei o trabalho. Certamente sem responder a todas as perguntas mas, de alguma forma, acho que aquela emoção já dizia da proporção-caminho que aquele trabalho havia desenhado na minha vida e ao mesmo tempo já apontava uma direção de experiência e pesquisa (que eu não imaginava) que iria desembocar aqui, hoje: entender as possibilidades de cuidado e “tratamento” disponíveis para além dos espaços privados de saúde, para além dos consultórios e intervenções de cunho privativo e, sobretudo, entender qual era o sentido daqueles. e,

compreender como a comunidade nos forma, nos constitui e reconstitui diante de uma realidade fragmentada e despedaçada constantemente pelas vias do racismo. Parece então que, de alguma forma, seguimos na aposta de pensar possibilidades de cura e cuidado a partir de dentro.

3. DIRETRIZES METODOLÓGICAS E POLÍTICA DE PESQUISA

Não se estuda, no negro que está vivendo, a História vivida. Somos a História Viva do Preto, não números.

Beatriz Nascimento

Neste capítulo nos lançamos não só a apontar, mas, sobretudo, a pensar sobre uma aposta metodológica que colabore com os propósitos de pesquisa, que dê suporte a ela e, ao mesmo tempo, considere as tensões do campo e do próprio caminho de pesquisa.

A primeira proposta deste trabalho girava em torno (ou, pelo menos, tinha grande foco) da experiência do contato com os mais velhos, as pessoas de mais idade que conheci e me aproximei neste percurso aqui em Oswaldo Cruz, seja nas instituições que participei e ainda participo, seja por meio de outros encontros na região. Naquele momento, quando estava pensando em me inscrever para o processo seletivo do Mestrado, tomada pela preciosidade de suas histórias e pela profusão de *insights* que tive sobre a vida, sobre a trajetória da população negra, sobretudo sobre suas estratégias e formas de sobrevivência e seus valores, tinha elegido que a pesquisa, e o projeto de contribuição que tinha para a psicologia por meio deste trabalho, se tratava de *ouvir*. E havia elencado a realização de entrevistas com essas pessoas como parte central do trabalho. O tempo, entretanto, foi passando e fui compreendendo que o objetivo não era exatamente o de colher histórias intactas e tampouco de resgatar uma memória inabalada, de tentar recuperar e “guardar” tudo aquilo que tinha ouvido e queria ouvir, partilhar.

Foi importante compreender que o preciosismo e o desejo emocionado que circundava essa possibilidade não precisava necessariamente me levar a fazer dessas pessoas ou instituições meus objetos de pesquisa, mas que essa intensidade era o indicativo da relevância de suas vidas e do que aprendia e sentia com elas. Tal compreensão partiu primeiramente a partir de um certo estranhamento, que aos poucos

foi se tornando um incômodo: O que vou perguntar? Por que vou perguntar? Qual seria o meu objetivo?

Me dei conta que esse desconforto partia do entendimento e, sobretudo, do sentimento que eles poderiam ser e eram, antes de tudo, parceiros de pesquisa e não objetos da mesma. Parceiros-fontes de inspiração que fomentaram afetos e inquietações que formam grande parte da base e do conteúdo deste trabalho. Dessa forma, a proposta inicial passou a não mais fazer sentido. Não que a escolha por esse tipo de recurso – entrevistas – necessariamente se qualifique como objetificante. Não é disso que se trata. Trata-se de que, neste percurso, percebi que essa proposta não fazia mais sentido. O que, por sua vez, confluía com a ampliação do campo de pesquisa. Foi com isso que decidi ampliar minha perspectiva e trazer à tona não só as pessoas – de outra forma – mas um conjunto de experiências que vou chamar aqui de *comunitárias* para pensar sobre memória, pertencimento, fortalecimento e outros elementos. Entretanto, este incômodo, junto a essa transformação, trouxeram à tona uma importante discussão: a objetificação do negro.

A objetificação do negro é uma prática recorrente na nossa história. As doutrinas raciais importadas da Europa e que moldaram a construção de nossas primeiras instituições de ensino e pesquisa do campo do direito e medicina no século XIX demonstram isso (SCHWARCZ, 1993). A psicologia, nesse caso, não escapou dessa influência. Apesar de não institucionalizada nesse período, ou seja, de não ser reconhecida como disciplina específica, podemos perceber a fomentação de um pensamento psicológico sobre o negro a partir dos paradigmas presentes naquele momento. Uma referência comumente estabelecida em relação a esse período são os estudos de Raimundo Nina Rodrigues, médico brasileiro responsável pelos principais estudos médico-psicológicos que promoveram um saber e uma prática de investigação de inclinação psicológica a respeito do “problema racial”, tendo o negro como objeto da ciência (SHUCMAN e MARTINS, 2017).

Com as influências do ideal positivista e evolucionista no pós-abolição e início da República, o país se confrontava com uma questão: “Éramos todos iguais?”. Nesse mesmo momento, Nina Rodrigues (2011) construía um estudo onde tentava tornar a raça como um fator de diferenciação nos critérios de responsabilidade penal. Em suma, os negros e mestiços eram considerados inferiores, dotados de “menos consciência” e, portanto, não estariam sob o mesmo crivo da “raça branca”, considerada superior. Para

tal, teceu uma análise – tendo vários interlocutores europeus e brasileiros – sobre as características supostamente presentes na população negra, indígena e mestiça. Por meio de uma “análise psicológica” (RODRIGUES, 2011, p. 61) vai elencando atributos que corroboram e justificam sua tese: os negros seriam impulsivos, inferiores, de caráter instável, tendo como condição de melhoria sua “submissão” (Ibidem, p. 44) à norma culta/branca e os mestiços dotados de um “caráter indolente e imprevidente” (Ibidem, p. p. 61). Sendo assim, o livre-arbítrio, por exemplo, não seria um critério universal no que tange à imputabilidade penal uma vez que se tratava de um valor presente, alcançado por apenas em algumas civilizações e, neste caso, pela raça branca (BARROS FILHO, 2005).

Entretanto, apesar dessa perspectiva de estudo do negro, em que a raça é tida enquanto construto biológico, não ser mais presente, isso não significou sua desobjetificação. Em uma certa camada, a população negra continua sendo pesquisada, porém, invisibilizada no que tange à consideração e evidência de sua cor, sem a consideração da problemática racial. (PAIXÃO e SANTOS, 2017). A população preta aparece nas pesquisas sobre favelas, comunidades carentes, populações não assistidas, mas, os dados sobre cor e a problemática racial não são postos. A comunidade, por exemplo, categoria cara nesse projeto, e que com frequência significa as camadas mais populares ou como uma referência às ditas populações minoritárias, tomada enquanto campo, também aparece no campo da psicologia frequentemente no lugar de fonte de intervenção e de ação do psicólogo, como veremos adiante.

Oswaldo Cruz, nesse sentido, não é uma fonte que olho de longe. É uma fonte na qual eu bebo, onde me banho e que divido a água com muitos outros: quintais, árvores, famílias, pessoas mais velhas e mais novas. O fato de ter nascido aqui, de morar aqui e, sobretudo, de compor esse campo, de vivê-lo, traz contornos diferenciados daquilo que poderia ser a relação entre o pesquisador/escritor e seu objeto, área de estudo.

Nesse sentido, a escrevivência, caminho apontado e experienciado por Conceição Evaristo através da literatura, tornou-se uma grande colaboração e indicativa de construção da escrita deste trabalho e de sua composição metodológica. No artigo “*Escrevivência*” em *Becos da memória de Conceição Evaristo*, Oliveira (2009) faz uma análise da escrevivência no livro *Becos da Memória*, escrito entre o final dos anos 70 e começo dos 80 e só publicado em 2006. Ao fazer uma resenha da obra de “corte biográfico e memorialístico”, o autor traz uma análise dos traços de escrita e composição de Evaristo. A partir da relação da autora com a história, composição de seus personagens

e a escrita, nota-se uma certa elasticidade, uma espécie de conversa. Ou seja, há uma fluidez entre uma escrita de si e uma escrita da obra, um outro arranjo, mostrando uma condição onde pensar sobre si e sobre o mundo não são atividades distintas.

Se referindo à escrevivência enquanto “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 622), reconhece três elementos formadores dessa categoria: o corpo, a condição e a experiência. Apesar do autor apresentá-los enquanto elementos distintos e separados, me vejo e me reconheço num só: um corpo que traz uma condição e uma experiência em ser negra no Brasil, em Oswaldo Cruz, na minha família. Sendo este um corpo que carrega memórias, e que muitas delas refletem a condição de ser mulher negra que experimenta. Meu corpo não está separado da minha condição nem de uma experiência. É como Evaristo (2020a) traz o sentido da escrita: a afirmação de particularidades e a possibilidade da “auto inscrição no interior do mundo” (EVARISTO, 2020a, p. 53). A partir da localização desse movimento em mulheres negras, afirma que “Escrever adquire um sentido de insubordinação” (Ibidem, p. 54).

Minha escrita não é, portanto, isenta de mim mesma. A escrevivência enquanto possibilidade de escrita a partir da vida e que não a oblitera, mas reafirma e convoca minha condição de negra mulher, me ajuda a construir um direcionamento. Da escrita de Evaristo também reconheço uma conexão: sua escrita nasce daquilo que ouve. No belíssimo texto *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*, Conceição conta que eram as histórias que ouvia-via-sentia, a fonte de suas próprias palavras. A oralidade aparece como matéria-prima na perspectiva de uma escuta que transbordava os ouvidos, mas era sentida pelo corpo, quando afirma que todo ele recebia palavras, sons, murmúrios... (Ibidem, p. p. 52).

Nessa mesma intensidade, trazendo a memória de possivelmente seu primeiro contato com a *grafia*, trago aqui, na impossibilidade de traduzi-la, um trecho generoso de seu relato:

Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. **Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que**

se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. **E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências.** O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. **Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?** (Ibidem, p. 49, grifos nossos)

Da grafia-gesto de sua mãe, o desenho-escrito do sol, era um chamamento. Da urgência do nascedouro dessas palavras, quando Conceição traz o questionamento que reverbera a tensão do próprio ato de escrever – a relação de comprometimento entre a vida e a escrita. Percebemos aqui que o ato de escrever não se separa da vida nem de suas forças e me lembra de uma dimensão importante: O que chamamos de “sentido resolutivo” das pesquisas (SANTOS e SILVA, 2018).

O que pode parecer, entretanto, como uma escrita individual, “em si mesma” ou tida como narcísica, Evaristo (2020b) reafirma a coletividade presente na escrevivência e convoca a cosmologia yorubá para nos ajudar nessa compreensão:

O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos.

Quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. **No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto.** E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. **O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos.** (EVARISTO, 2020b, p. 38, grifos nossos).

Essa forma escrita contém o carregamento de muitas outras vozes, sentimentos e experiências. Respeitando nossas singularidades, mas honrando, respeitando nossas

marcações históricas, nossas feridas e faltas coletivas. É isso, existe uma dimensão coletiva da experiência que inclui também nossas potências, movimentações, lutas e necessidades. A história negra nunca é só de um. Ela é marcada por uma trajetória compartilhada.

Falando nisso, uma vez, estava saindo de uma reunião na sede do Agbara Dudu. Era o primeiro encontro para pensar na construção da “*Juventude Agbara*”, um grupo a ser formado pelos jovens que frequentavam o Quilombo e que já vinham ou desejavam contribuir mais com a entidade. Neste mesmo dia, e se não me engano ao mesmo tempo, estava ocorrendo um encontro do *Movimento de Reparações*⁷. Quando alguns de nós já estávamos de saída, Elias nos chamou e perguntou se conhecíamos o senhor que estava ali ao lado dele. Acho que todos rimos um tanto quanto sem jeito e ele disse numa apresentação pomposa: “Esse é Yêdo, um dos nossos mais antigos e ativos do Movimento Negro”.

Quando chegamos, parece que Yêdo⁸ estava terminando de contar sobre um questionamento que tinha quando era mais novo, no tempo em que sua mãe ainda era viva. Ela estava lhe explicando sobre a lei dos 2/3⁹ e no fim do conto, Yêdo comentou:

Aí foi que me lembrei dela... Pô, então foi isso que minha mãe falou...
A senhora tá com a razão.
Porque geralmente às vezes as pessoas são analfabetas mas têm uma percepção que a gente às vezes não percebe as coisas.
No início do 80, a gente no movimento negro
A ONU mandava que todos os países fizessem aquele comitê anti-apartheid.
Era o comitê anti-apartheid. Fizemos aqui e depois passou a (...)
Então nós fizemos. Aí tinha lá uma companheira nossa que falou: “Ah, vamos fazer”. Aonde é que vai ser? Vai ser na UERJ. Na UERJ? Tá, tá bom, então vamos fazer.
Movimento Negro, tal, todo mundo lá.
Aí, a Luiza falou: será que eu podia trazer dona Rosa? Pode. É negra? (A gente sempre foi assim). Ah, se é negra, tudo bem.
Não, porque ela é neta de um dos fundadores do morro do Salgueiro. Tem problema nenhum e ela foi, ficou sentada. Amauri lembra disso... O Ostac também. Ali na UERJ. Cheio ali,
Aí quando terminou o pessoal: Ah, a senhora vai falar alguma coisa?
“É, posso falar sim. Olha eu estou muito alegre de estar aqui, vendo vocês,

⁷ Movimento Reparações é um movimento político que busca a reparação coletiva da população negra em relação à escravidão de nossos antepassados.

⁸ Yêdo Ferreira é um militante negro, fundador do MNU (Movimento Negro Unificado), Fundador da SINBA (Sociedade de intercâmbio Brasil- África) e do MNU (Movimento Negro Unificado), uma das principais referências do Movimento Social Negro, expoente da luta pelas Reparações Históricas e Humanitárias.

⁹ A lei dos 2/3 era uma lei limitava a entrada de estrangeiros no Brasil e determinava que dois terços das vagas de emprego das “empresas, associações, companhias e firmas comerciais deveriam ser ocupadas por brasileiros.

jovens, letrados. Agora eu sou analfabeta... Agora eu não invejo o estudo de vocês, porque ele não tem servido em nada pro nosso povo.” Olha, eu vou dizer um negócio pra vocês. Eu nunca esqueci disso! [Risos]
 Quando ela falou isso... Isso daí, 1982. Agora veja quantos negros se formaram nesse período, em que eles contribuíram pra libertação do nosso povo. Dona Rosa estava com a razão ou não? E é isso que me mantém na luta. Peraí, eu disse Dona Rosa. Pelo menos um deles está aqui... [Risos]
 (YÊDO, 2019).

Lembro que essa fala foi como um soco no estômago que me fez e, constantemente, me faz pensar e afirmar que não estou aqui sozinha e nem a passeio. Existe uma comunidade em meu corpo e um povo em minha história. Há uma responsabilidade pela qual partilho.

Lembro-me, com igual intensidade, de uma repetida fala do professor Dr. Carlos Moore, autor e célebre pesquisador da história negra, o qual nutro profunda admiração. Era uma de suas aulas de um curso que proferiu na UERJ, no ano de 2019, no qual tive o privilégio de participar. Após uma longa exposição, o professor comentava sobre sua implicação ali naquele momento e sobre o problema que enfrentamos com o racismo enquanto humanidade. No final, com suas características de calma e objetividade, repetidamente disse: “*Não temos tempo a perder*”. Afastando-se do que poderia ser considerado um fardo, tomo as palavras de Yêdo, de Carlos Moore e tantas outras provocações, como uma *direção*.

Luiza Oliveira (2021), em uma fala extremamente corajosa e honesta, nos conta, a partir de algumas memórias, encontros e cenas, as interpelações que sofreu no lugar de pesquisadora. Primeiramente, Luiza trazer esta fala é um alívio, pois fala de incertezas e de questionamentos... Um lugar, eu diria que, tenso para a maioria de nós, sobretudo para o pesquisador - e incluo-me aqui -, que se move frequentemente para o lugar das certezas, do conhecido, do pré-estabelecido. Entretanto, o que Luiza anuncia é, para além da tensão, o lugar da dúvida enquanto um lugar de *possibilidades* e traz para o cerne de sua reflexão o encontro com a oralidade, citando encontros com três mulheres negras, que a provocaram de diferentes maneiras a sair do lugar neutralidade e distanciamento do pesquisador e de sua ação; assim, caminho com Luiza neste desafio de abertura e de permitir-me ser interpelada.

Por fim, a perspectiva de tecer um trabalho, de construir uma pesquisa, onde os sujeitos, movimentos, organizações, atores envolvidos, estejam ao nosso lado e que, além disso, o próprio trabalho de pesquisa possa ser uma forma de fortalecimento para as

comunidades, é uma discussão que viemos traçando no Laboratório Kitembo. Em um sentido oposto, em estudo realizado a partir do levantamento das produções acadêmicas entre **2001 e 2012**, na interface psicologia, raça e racismo, observou-se que apesar do interesse de alguns trabalhos no assunto, o conjunto dos artigos analisados evidenciava uma fragilidade no diálogo com as demandas do movimento social negro, de modo que poucos tinham como eixo um diálogo direto com o mesmo. Ou seja, podemos afirmar que de certa forma há um certo distanciamento dos pesquisadores que, concordamos com a autora, parece não ser estratégico no processo de construção de uma perspectiva mais crítica e até reparadora da psicologia. (FEDERICO, 2014).

A aposta então, no que eu chamarei de uma metodologia viva, significa uma aposta contra os aprisionamentos, contra os engessamentos objetificantes e neutralizantes. É uma aposta que traz o campo enquanto compositor e que tem como base a escrevivência, o direito de escrever não só sobre a vida, mas sobre o que se vive, uma abertura aos acontecimentos, às interpelações do campo, e, sobretudo, à oralidade. Escolher por uma metodologia viva é entender que ela mesma irá me direcionar.

Dando sequência a essa análise, parece importante sinalizar que este trabalho se configura também como uma espécie de continuidade de uma série de produções que o Laboratório Kitembo vem gestando e abrigando. Além deste, muitos outros trabalhos convergem em um sentido coletivo do cuidado, marcados majoritariamente por experiências negras.¹⁰

Por fim, o reingresso na universidade por meio das políticas de ação afirmativa tem me feito acessar outras perspectivas e a reconhecer e respeitar um campo de luta que tem a ver com assumir e reivindicar o direito de produção e pesquisa; que me faz aprender sobre a importância de construir bases epistemológicas e referenciais, de fazer o exercício de dar nome, vocabulário para aquilo que experimentamos no mundo, bem como construir e reavivar caminhos para novas e mais assertivas perspectivas de cuidado.

Se hoje, muitos de nós, pessoas negras e também pessoas não-negras, podem ler e pesquisar sobre subjetividade afro-brasileira, racismo, práticas de saúde, embranquecimento e tantas outras questões relevantes sobre nossa dinâmica de existência no Brasil e no mundo; se hoje posso acessar conteúdos tão importantes ao

¹⁰ Ayana, Natasha, Flávio e Viviane.

desenvolvimento de minha consciência racial, é porque algumas pessoas se dedicaram. Dedicaram seu tempo, se propuseram a escrever e a permanecer nesse trabalho tão árduo quanto complexo que é fazer pesquisa sobre processos que nos atravessam e ao mesmo tempo transitar em uma academia branca e racista nos seus currículos, gestos e posturas.

Dito isto, parte do referencial teórico convocaremos, principalmente, mas não só, intelectuais negros e negras brasileiros e brasileiras que há décadas vêm denunciando e apontando os efeitos do racismo e da dinâmica desigual brasileira, mas que permanecem frequentemente sendo ignorados na maioria das produções acadêmicas. Como aponta Ratts (2007), apesar de denunciarem o esquecimento pelo qual a história negra passa, foram vítimas desse mesmo mecanismo. Suas presenças aqui, portanto, além de serem uma contribuição intelectual, do vínculo com essa pesquisa, é também uma forma de reparação.

4. CAPÍTULO I: RACISMO, DESCONEXÃO E SAÚDE MENTAL

O racismo, para mim, é aquela experiência do *sem nome*, até que possamos nomeá-la e ainda assim reconhecer suas marcas indizíveis e inomináveis. Eu não sabia que o que experimentava na infância - e experimento até hoje - era parte de um maquinário, de um agenciamento sistêmico global e colonial. Porque sim, o racismo se dá em uma esfera global e entender, mais uma vez, essa amplitude, tem sido parte importante de meu processo de cura e posicionamento diante da vida.

Nesse sentido, gosto de ter a compreensão de que essas pessoas, guerreiros e guerreiras, que escolheram caminhar no *front* das letras, das pesquisas, do verbo, do sentido, do sentir, da ciência, caminham carregando essa função: Apalpar, dar forma, dar nome e traduzir em concretude experiências que poderiam se tornar questionáveis e partes do arsenal da loucura do ponto de vista ocidental. Pessoas que fazem formulações, conjecturas, transmutações, alquimia pra mastigar um saber vivido. Fazer isso dentro do contexto dos estudos da subjetividade negra e dos processos de subjetivação dentro do tempo histórico da experiência negra mundial, considerando a escravização, a expansão colonial e as várias violências subsequentes, bem como o histórico pré-colonial, é *amparo*. É fornecer um continente que dificulta que caiamos no *sem sentido* em ser negro e na dor de um deslocamento estranho.

Falando em racismo, compreendemos a perspectiva que Moore (2012), pesquisador e cientista social cubano traz, que recoloca a problemática da gênese do racismo, o situando com uma profundidade histórica que vai muito além dos 500 anos da hegemonia ocidental sobre o resto do mundo. De acordo com a tese construída em seu livro "Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para se pensar o racismo", este teria se originado não a partir do surgimento do conceito de raça, tampouco na ocorrência da escravização racial mas estaria ligado a disputas históricas muito antigas entre povos melanodérmicos e não-melanodérmicos pela posse dos recursos básicos de sobrevivência e sustentação.

O fato de o pesquisador apontar para raízes longínquas do racismo torna-se importante não para encerrar-nos em um fatalismo, mas para dar-mos conta de uma complexidade. Assim como este intelectual diz, versar sobre o racismo exige uma amplitude de perspectivas e considerações que precisamos levar em consideração. Historicamente, o autor aponta, como dito, que o racismo sempre esteve ligado à disputa por recursos, o que vai se mantendo ao longo do tempo por meio de um arranjo projetado para a manutenção de privilégios. Segundo o pesquisador, o racismo seria:

Um sistema total que se articularia, desde o início, através de três instâncias distintas porém entrelaçadas:

- 1.1 Estruturas políticas, econômicas e jurídicas no comando da sociedade;
- 2.1 O imaginário social total que controla a ordem simbólica coletiva e que rege até as preferências estéticas, sexuais e o acasalamento;
- 3.1 Os códigos de comportamento interpessoal que regem a vida dos indivíduos que fazem parte da mesma comunidade nacional. (MOORE, 2012, p. 198)

Nessa dinâmica, secreta, suas próprias ideologias de sustentação e tem suas especificidades, onde as linhas de sua conformação são resultados de uma série de políticas, ações e do contexto sócio-histórico e tem efeitos na construção subjetiva de toda uma população negra e não-negra. O atravessamento vivido por negros e brancos em uma sociedade racializada é permanente, intenso e difuso.

Nesse sentido, o racismo à brasileira, encobre uma série dessas ações e movimentações sob a égide ainda vigente, apesar de combatida, da “democracia racial”, na crença de que vivemos em um país harmônico, misturado e sem preconceito. É o país do racismo sem racistas. Essa forma de expressão brasileira do racismo se dá por meio de toda uma história curva sobre como era encarada a negritude nesse país. A princípio, a negação. O projeto e o desejo de branqueamento estimavam que a negrura fosse cada vez

mais afastada e que o Brasil se tornasse um país branco. A crença na inferioridade negra era explicitamente exposta e divulgada nos meios científicos como podemos ver a seguir:

Pode ser absolutamente certo, diz Huxley, que alguns negros sejam superiores a alguns brancos; mas nenhum homem de bom senso, bem esclarecido sobre os fatos, poderá crer que em geral o negro valha tanto quanto o branco e muito menos seja-lhe superior (RODRIGUES, 2011, p. 47)

e

Se não se conhece, escreveu o Dr. Sylvio Romero (História da literatura, etc.), um só negro, genuinamente negro, livre de mescla, notável em nossa história, conhecem-se muitos mestiços que figuram entre os nossos primeiros homens (RODRIGUES, 2011, p. 47).

A raça africana tem um defeito e um crime. *O defeito é estar ainda atrasada no desenvolvimento da civilização* e em um período em que já esteve a raça branca, que foi outrora canibal, como ainda hoje o são muitas tribos africanas e americanas, e que também já ignorou todas as artes, viveu sem leis e suportou o cativo (Fonseca, 1887, apud Rodrigues, 2011).

Nas palavras de Nina Rodrigues:

(...) *Que, por seu desenvolvimento intelectual e por sua civilização, os negros africanos sejam inferiores à massa das populações europeias, ninguém evidentemente pode pôr em dúvida.* Ninguém pode duvidar tampouco de que anatomicamente o negro esteja menos adiantado em evolução do que o branco. Os negros africanos são o que são: nem melhores nem piores que os brancos; simplesmente eles pertencem a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. (p. 47)

Depois, o elogio. Em busca da construção de um ideal de nação, veio a exaltação à mistura como característica nacional. E, por fim, a confusão.

Por muito tempo, o racismo contra pessoas negras e seus efeitos foram renegados e invisibilizados entre as produções acadêmicas como podemos aferir em publicações citadas anteriormente. Pode-se notar a existência de um bloqueio cognitivo e epistemológico onde as ciências humanas e sociais permaneceram até pouco sustentando a ausência do debate das relações raciais na maioria de suas produções. Compreende-se a partir de uma postura intelectual embranquecida, forjada no desejo de identificação com o europeu e ao mesmo tempo no afastamento das camadas consideradas inferiores, negras e, portanto, em seus pontos de vista, não detentoras do saber, uma perspectiva que oblitera a dimensão violenta da formação social brasileira, transferindo o tom harmônico do povo miscigenado à não existência das questões raciais (SANTOS e OLIVEIRA, 2021).

Entretanto, o reconhecimento de sua importância e impacto, apesar de há muito denunciado pela comunidade negra, vem paulatinamente e tardiamente ocupando alguns

órgãos institucionais, organizações e políticas públicas no campo da saúde, ainda que seus efeitos na prática sejam constantemente atravessados. Para citar algumas delas, o racismo é reconhecido como um determinante social da saúde dentro Sistema Único de Saúde (SUS), como dito anteriormente, e existe a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) aprovada em 2006, ambos frutos de uma intensa e longa luta do movimento negro brasileiro (WERNECK, 2016). Dentro desse mesmo campo, podemos citar a institucionalização da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) como um avanço, uma vez que esta reconhece atualmente 29 práticas integrativas e complementares atuantes na prevenção e na promoção em saúde (BRASIL, 2006) onde muitas decorrem de saberes ancestrais negros e indígenas, como o uso de plantas medicinais, por exemplo.

Já em âmbito internacional, recentemente a Associação Americana de Psicologia (APA), uma grande organização de psicologia norte-americana, publicou em seu *website* uma resolução avaliando seu papel na promoção e perpetuação do racismo - além da falha em desafiá-lo – reconhecendo sua cumplicidade na contribuição para as desigualdades sistêmicas e reconhecendo o prejuízo causado em “pessoas de cor” (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 2021). No Brasil, uma das últimas iniciativas do Conselho Federal de Psicologia (CFP) foi o lançamento de uma série de onze aulas sobre diversos temas dentro do escopo da psicologia e do enfrentamento ao racismo, disponibilizadas no canal do conselho na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. O conteúdo dessa série, segundo a publicação do próprio conselho, é fruto do I Seminário Nacional de Psicologia e Enfrentamento ao Racismo, realizado pela Comissão de Direitos Humanos do CFP¹¹. A Associação Nacional de Psicólogos Negros e Pesquisadores (ANPSINEP) vem realizando um importante trabalho de articulação entre psicólogos negros e pesquisadores no país. Além disso, os vários Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABIs e organizações autônomas espalhadas pelo Brasil vêm fazendo um trabalho importante de produção de conhecimento sobre a experiência negra e indígena no Brasil e no mundo.

A perspectiva de saúde adotada aqui é aquela pensada a partir da “vivência histórica e das lutas da população negra no Brasil” (SANTOS, 2018, p. 241) onde é preconizada a visão integral do sujeito e onde as conexões com a história, com o social e

¹¹ Para mais informações acesse aqui: <https://site.cfp.org.br/cfp-lanca-serie-sobre-psicologia-no-enfrentamento-ao-racismo/>

com a comunidade são partes importantes da construção de saúde, bem como o direito à memória. Tecendo uma crítica à forma como os saberes psi, a psiquiatria e a psicologia consideram a subjetividade o cuidado sem considerar aspectos como a violência, a fome, a falta de acesso à direitos básicos como educação, saúde e lazer nem as condições históricas pelas quais a população negra brasileira se constituiu devido à colonização, nem o preconceito racial (SANTOS, 2018).

Nesse sentido, Frantz Fanon, psiquiatra negro nascido na Martinica, publica em 1952 o livro “Pele negra máscaras brancas” onde coloca-se como objetivo analisar e compreender, sob o ponto de vista psicológico, a relação entre negros e brancos, além das diversas posições que pessoas negras adotam diante do encontro com o branco e se propõe a estabelecer um sócio-diagnóstico (FANON, 2020). Mas o que seria isso? Quando diz que “a alienação do negro não é só uma questão individual” (Idem, p.28), aponta que para além das questões ontológicas, do sentido do ser e de sua natureza, e das questões filogenéticas, de uma suposta associação entre o corpo e as características psicológicas, existe a dimensão da sociogenia. Coadunamos com essa perspectiva fanoniana de que existe uma dimensão social do sofrimento (FAUSTINO, 2021).

É necessário analisar as condições históricas e o contexto social ao qual se está inserido. Ou seja, entender que, para além de traumas que se originariam de acordo com a composição familiar ou com a história “individual” de cada pessoa, existe um complexo e uma complexidade social que constitui esses elementos e que conforma experiências subjetivas.

Nesse sentido, vamos compartilhar e analisar algumas dinâmicas como base para enfatizar alguns caminhos de produção de desconexão produzidos pelo racismo e, também, seus efeitos. O capítulo será dividido em dois subtópicos que serão expostos a seguir e, ao final, trarei a experiência no Laboratório Kitembo como parte de uma experiência de reparação.

4.1 Desconectando a potência

Milhares e milhares de crianças crescem sem um referencial digno de pessoas com seu mesmo tom de pele ou mesmo parecidas com elas, habitando um limbo que pode perdurar por toda uma vida. Isso porque o racismo constrói um senso de valor atribuído

ao branco uma espécie de superioridade. Para tal, constrói invisibilidades históricas e evidencia dentro do seu aparato de poder, narrativas e personagens brancos nos espaços representativos em geral. Grosso modo, os ídolos e galãs são representados como unicamente brancos. Os super-heróis, os vencedores das guerras, os cientistas, os inventores, os gênios da humanidade etc. são apresentados como pessoas de pele clara, geralmente de descendência euro-americana. A representatividade, entretanto, é um aspecto fundamental na construção de identidade. O desprezo e invisibilização de alguns saberes e perspectivas históricas, especialmente as que não correspondem a cosmovisão eurocêntrica-colonizadora, em conjunção a ausência de referências de intelectuais negros é evidente e se mostra desde o ensino básico até a universidade.

Com muita frequência, é só quando nos tornamos mais velhos que alguns de nós tomamos conhecimento da existência de pessoas negras nas mais diversas áreas do conhecimento: na literatura, na matemática, nas ciências e por aí vai. O que poderia ser uma obviedade, visto que África - de onde se originam a maioria das pessoas negras do mundo - é o berço da humanidade, ainda é pouco difundido que os primeiros povos a habitarem o planeta e a desenvolverem civilizações são de corpos e mentes negras. A invenção da medicina, da matemática, da astronomia, agricultura e de grande parte do que acessamos hoje como campos do conhecimento são negros (NASCIMENTO, E. 2008).

Grada Kilomba, psicóloga, escritora e artista multidisciplinar, escreve seu livro “Memórias da Plantação: episódios de um racismo cotidiano” dentro de um contexto de isolamento, depois de ter permanecido por muitos anos sendo a única estudante negra do departamento de psicologia onde estudava ou lecionava. Nele, a psicóloga traz a máscara de silenciamento, instrumento colonial usado por Anastácia, negra mulher escravizada – e, certamente, por muitos outros pretos e pretas nesse contexto, ao longo de centenas de anos – para fazer uma análise da produção da mudez, da operação do medo e da dominação. A máscara é uma peça feita de metal, posta no interior da boca e amarrada, fixada por trás da cabeça cujo uso era imposta pelos senhores a princípio, para evitar que os escravos comessem a cana de açúcar e o cacau durante o trabalho forçado na lavoura mas que, ao mesmo tempo, servia para implantar o medo por meio da tortura. A boca, a autora destaca, que simboliza a fala e a enunciação, em relação ao racismo se torna o órgão da opressão e do controle. (KILOMBA, 2019). Pensando na máscara, de que forma ela se atualiza?

O mecanismo do epistemicídio recuperado por Carneiro (2005), aponta para a deslegitimação e negação dos saberes e das formas de conhecimento dos povos e grupos dominados, em um processo de negação da cultura do outro. Esse processo, conforme visto por Boaventura de Souza Santos, faz parte do empreendimento colonial. Mas, o sentido de epistemicídio construído pela autora entretanto, nos é interessante, justamente também porque a filósofa entende que: existe um processo epistemicida que passa pela falta de acesso ou acesso precário à educação de qualidade e que, para além de um processo de desqualificação do saber, está imbricado um processo de desqualificação do ser, do sujeito desse saber.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; *pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento* e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou *pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo*. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97, grifo nosso)

Quando fala sobre os “diferentes mecanismos de legitimação do negro como portador e produtor de conhecimento”, me lembro sobre a ausência de autores negros na bibliografia das disciplinas. Ora, não escrevemos? Não fazemos também, pesquisa? Onde estão os autores negros? Outras perguntas que me rondavam angustiantemente: Quem pode falar? Quem pode produzir conhecimento? E qual conhecimento é reconhecido? Eu sou bem-vinda aqui? Minha voz é reconhecida ou é silenciada?

Além disso, ao estudar sobre as políticas de saúde, não falávamos sobre os modos que a maioria da população brasileira tem, historicamente, se cuidado. Era uma ausência sufocante, sem nome e que sustentava mais uma vez, uma desconexão: Da história do Brasil, de mim mesma, da história de minha família e do meu povo. Além da ausência da história da formação do país e da colonização enquanto processo fundamental de constituição subjetiva, a inexistência de referências plurais que reverberam a diversidade de saberes constituintes de nossas experiências - os saberes indígenas, quilombolas, de favela, de terreiros - e a centralidade de referências europeias, tomadas como fonte universal para pensar o mundo, contribuem para essa operação de *deslocamento da própria história*. Quando havia, não passava de apenas uma constatação, algo parecido

com uma observação, um detalhe, como disse uma vez em um evento, “uma nota de rodapé” e essa observação nunca chegava às vias de uma *discussão*.

Um tempo depois, quando passei a fazer algumas intervenções indicando textos que traziam a problemática racial, ou simplesmente mencionando como isso se dava na minha experiência e nas minhas observações no estágio, por exemplo, ou na vida, recebia respostas desde “mas eu não sei falar sobre isso”, nenhuma resposta e até umas expressões blasé como se aquilo não fizesse muita diferença (e rapidamente mudava-se de assunto). Isso parece que denunciava aspectos de uma formação social e intelectual que, de fato, não nos prepara para “saber falar sobre isso” e que ao mesmo tempo, despreza tal realidade. As perspectivas e estudos de quem seriam remexidos? Os referenciais, as dúvidas, as provocações... Eram também sinais de uma academia desconectada e que, por sua vez, produzia pessoas desconectadas.

Essa ausência – naturalizada – produz não só uma invisibilidade, mas também uma sensação de inexistência, como se não existíssemos nesse lugar. Era o que eu sentia. Certamente essa ausência de referência pode colaborar para a produção de um não-lugar do negro enquanto intelectual, produtor de conhecimento, etc., o que acreditamos que compromete sua autoestima. Essa máscara, portanto, simboliza o silenciamento não só de uma pessoa, mas de um conjunto de saberes, conhecimentos e práticas. Simboliza o silenciamento existencial de um povo. O epistemicídio, portanto, se torna uma das formas de operação atuais da máscara.

Como nas palavras de Abrahão Santos, o epistemicídio, vem dificultando que um povo conheça a si mesmo. Nesse sentido, diante de tudo isso se faz necessário que recuperemos e retrabalhemos a nossa memória, que entremos em contato, investiguemos, desafieemos. Eu, aos poucos, descobri que tenho uma boca. Que tenho voz e cordas vocais. Descobri que habito e sou um corpo vivo, cheio de articulações e movimentos.

Importante podermos pensar que a boca também é local privilegiado de nutrição. É por onde recebemos os nutrientes que alimentam nosso corpo, nossas células. É, muitas vezes, por onde saboreamos um alimento bem-preparado. É por onde sopram palavras que alimentam nossa alma e acariciam nosso coração e que, portanto, também nos nutrem. A boca é por onde podemos expressar. É um órgão importante também em seu sentido simbólico, no que representa.

Iniciativas como o Encontro de Saberes¹², de outras disciplinas e, também o trabalho dos NEABs, provocam um deslocamento da universalização do saber acadêmico e que também fazem chacoalhar referências implantadas a muitos alunos ao longo da vida, como a mim, que tinham um sistema referencial de conhecimento constituído a partir de uma perspectiva embranquecida: centrado exclusivamente na razão, no logotípico, no visível, organizado, escrito e sistematizado. O Laboratório Kitembo, como veremos a seguir, atuou consistentemente nesse deslocamento e, fazendo uma analogia, provocando que máscaras foram retiradas.

4.2 A política do constrangimento

Para além da ausência de representação e de representação positiva de pessoas negras, do nosso papel na história, não só do Brasil, mas da humanidade, há também a experiência de vivermos imersos – tal como se configura a escola nos nossos primeiros anos de vida – em uma *cultura do constrangimento*. O que atualmente muitas vezes ainda é considerado como *bullying* é para nós, pessoas pretas, a evidência do desprezo e da visão – encarnada em todos os corpos desde a infância e pré-adolescência – do racismo. Experiências comuns de crianças negras (meninas e meninos) de serem eleitas as mais feias da sala, de serem “zoadas” pelas formas de seus cabelos, de serem vistas com outros olhos ou não-vistas, as últimas a serem escolhidas para fazer os trabalhos, as que sempre “sobram” na montagem de pares para as festas juninas... Como essas experiências se conformam e implicam ao longo de suas vidas?

Ao mesmo tempo em que nossas relações e formas de nos relacionarmos com o outro e conosco estão se formando, é o mesmo período em que muitos de nós – sobretudo aqueles que estudam em espaços majoritariamente brancos – experimentamos o sentimento de rejeição, não-aceitação, a sensação de “ser diferente” e, sobretudo, da vergonha. Vergonha de nossos traços, nossa cor, nosso jeito, vergonha de sermos quem

¹² O Encontro de Saberes é um projeto fruto da parceria entre Universidade de Brasília (UnB), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), ao Ministério da Educação (MEC) e ao Ministério da Cultura (MinC) que tem como objetivo promover diálogos entre os saberes acadêmicos, os saberes populares, indígenas, afro-brasileiros e de comunidades tradicionais por meio da inclusão de mestres e mestras como docentes no ensino superior. Hoje este projeto acontece em várias universidades no Brasil, inclusive na Universidade Federal Fluminense.

somos. O constrangimento nesse sentido, também acaba sendo uma forma de silenciamento.

Na medida em que ela impõe na sua cabeça que é uma sociedade branca, que o seu comportamento tem de ser padronizado segundo os ditames brancos, você como preto se anula, passa a viver uma outra vida, flutua sem nenhuma base onde pousar, sem referência e sem parâmetro do que deveria ser a sua forma peculiar. (NASCIMENTO, B. 2018, p. 249).

Em certo momento, Beatriz Nascimento também partilha de suas experiências ao estar em ambientes com muitas pessoas brancas: a sensação de isolamento e até náuseas. Refletindo sobre o assassinato cultural que negros sofrem no Brasil, Beatriz dá esse nome ao abandono. Em seguida, ela diz:

“Acho que muita criança negra tem esse problema e é por isso que não estuda, muitas vezes não passa de ano, tem dificuldade na escola por causa de um certo tipo de isolamento que não é facilmente perceptível. E aquela mecânica de educação que não tem nada a ver com esses grupos de educação familiar, a mecânica da leitura, onde você não sabe quem é, porque não está nos livros. Quando eu comecei a mergulhar dentro de mim, como negra, foi justamente na escola que era um ambiente onde eu convivia com a agressão pura e simples, com o isolamento, com as interpretações errôneas, estúpidas das professoras, a ausência de pessoas da minha cor na sala de aula, a falta de referência.” (Idem, p. 251)

A experiência de conexão humana já vem sendo apontada pelos estudos da neurociência como uma necessidade vital; algo que, para além das necessidades fisiológicas – tal como a sede e a fome – permite a nossa permanência e sobrevivência como espécie (LIEBERMAN, 2013). Isso significa que estamos falando de aspectos e experiências vitais para a nossa sobrevivência e bem-estar no mundo. Um dado que nos pareceu importante nessa seara é que o que é chamado de dor social ou *social pain* proveniente de experiências de rejeição e abandono, envolve os mesmos mecanismos cerebrais que a experiência da dor física, por exemplo.

Virgínia Leone Bicudo, socióloga e psicanalista negra, na década de 50 realizou um estudo intitulado “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas”. A pesquisa tinha como objetivo mapear quantitativamente e qualitativamente as atitudes dos alunos em relação à cor de seus colegas, buscando mapear dados relativos aos sentimentos, estereótipos e atitudes entre os alunos brancos e os de cor (BICUDO, 1955). Utilizando-se da estatística e do estudo de caso, Virgínia e seus assistentes aplicaram um questionário a 4.520 alunos e realizaram entrevistas com os pais de 29 destes.

Algumas das perguntas do questionário eram: Perto de quem o aluno ou aluna gostaria de sentar; porque ele ou ela gostaria de sentar perto de um ou outro, uma ou outra colega e perto de quem ele ou ela não gostaria de se sentar.

A pesquisa Unesco apontou que havia uma preferência muito acentuada e geral pelo escolar branco, o qual determinou o padrão das escolhas dos grupos de minoria, seguindo-se, com porcentagens muito baixas, as preferências pelo negro, pelo japonês e pelo mulato. Entretanto, para que esta conclusão fosse possível, a autora teve que investigar para além das aparências fornecidas pelas respostas às perguntas das entrevistas, cujos motivos atestados para sentar-se ou não perto de determinado colega variavam nos seguintes adjetivos: “bem-educado”, “obediente”, “agradável”, “alegre”, “carinhosa”, “bonito”, “meu vizinho”, “meu primo”. Já as razões para não se sentar ou não querer ser amigo do colega eram: “mau aluno”, “conversador”, “copiador”, “cabulador”. As respostas rejeitadoras explicadas por um “motivo racial” corresponderam a apenas 0,22%, o que levou Bicudo a concluir que o mascaramento das atitudes em relação à cor tenha ocorrido em função de uma identidade do branco com as qualidades apreciadas e do não branco com as qualidades não apreciadas.(SANTOS, E. 2018).

O trabalho de Virgínia Bicudo, nesse sentido, – ainda muito invisibilizado – evidencia três aspectos: A correlação entre características consideradas positivas e negativas e a raça, a racialização das escolhas mas ao mesmo tempo a invisibilização da questão racial. São crianças, é claro, mas nós, adultos, também fazemos isso. Esta inovadora pesquisa torna visível um processo que possivelmente acontece diariamente no cotidiano escolar e fora dele. Em minha trajetória profissional e em diversas discussões, não são poucos os relatos sobre crianças negras preteridas e estigmatizadas das mais diversas formas. São as crianças negras tidas como feias, indisciplinadas, impossíveis e, por muitas vezes por isso, indesejadas por seus próprios colegas e também pelos professores. Como isso acontece dentro de um período de intenso desenvolvimento e plasticidade, essas percepções são invariavelmente internalizadas pelos nossos pequenos.

Na oportunidade em que li este trabalho para uma das discussões do grupo de estudos do Laboratório Kitembo, vários gatilhos se acionaram porque eu fui essa criança negra que via no colega branco os mesmos adjetivos e porque também experimentei a rejeição. Embora os motivos fossem turvos, ao mesmo tempo nítidos para mim: Eu era negra.

Na escola, não lembro da abordagem de aspectos da história negra, nem mesmo de como foi tratado ou ensinado sobre o período da escravização, a “descoberta do Brasil” e assuntos relacionados. Aliás, de poucas coisas me lembro do período escolar e da infância como um todo. Entretanto, lembro que frequentemente me sentia mal. Lembro que desde pequena sentia os efeitos de carregar no corpo uma estética não desejável e passível de zombaria. Era uma sensação constante de *desajuste*, de inconformidade que

perdurou durante toda a juventude. Eu era bem magrinha, retinta, e como muitas meninas negras, imersas na cultura anti-negra do embranquecimento; tinha o cabelo alisado por produtos químicos. Entretanto, como todo cabelo naturalmente crespo, ele possuía vida própria. Armava-se pelo crescer de suas raízes tomando uma forma que chamava a atenção e motivava as piadas dos colegas. Não foi fácil constatar, já mais velha, e diria até que, recentemente, desejava tornar-me outra. Pensava em como poderia dormir e amanhecer mais branca. Por muito tempo esse desejo nutriu desde as escolhas de como me vestia, minhas maquiagens e até minhas companhias.

Conversando com uma paciente que atendo na minha prática clínica no consultório, ela, também mulher negra, relatava também que poucas coisas se lembra da infância. A. contava que se preocupava com sua memória e se surpreendia ao se dar conta de que havia esquecido de tantos fatos de sua história, alguns mais recentes e outros majoritariamente sobre esse período da vida. Na hora reuni alguns *insights* que me fizeram lembrar a minha própria experiência de esquecimento e a reflexão de que a amnésia é um traço comum de experiências traumáticas.

A política - processual - de branqueamento, institui um grupo como padrão de referência daquilo que é humano, tendo como aparato um conjunto de apropriações simbólicas atribuídas ao fenótipo que, aliado à manipulação da história, forja “o vencedor”, “o bonito”, “o inteligente”, “o desejável” enquanto características de pessoas brancas, o que fortalece a autoestima de si mesmos em detrimento de outros povos (CARONE e BENTO, 2014). De política instituída no Brasil da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX com o objetivo de erradicar a população negra e indígena, esse viés permanece estruturalmente pela marca do racismo institucional e pelas reverberações afetivas que produz constantemente na população negra.

A psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza traz, a partir de algumas entrevistas, teorizações e reflexões pungentes sobre, como diz a autora, a experiência de “ser-se negro numa sociedade branca” (SOUZA, 1983, p.17). Sob a ótica psicanalista trazida na obra, pode-se dizer que uma das marcas da violência racista reside justamente nessa espécie de conflito vivido por pessoas negras: “o de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (Idem, p. 2). Todo esse mecanismo, portanto, não se encerra na história. Não se encerra nos livros ou só em uma “perspectiva racista que um dia o Brasil teve”. Ele é vivido, experienciado nos corpos e nas vidas de pessoas negras e não-negras, ou brancas e não-brancas.

Acredito que, apesar do aparente crescimento da produção de trabalhos sobre a experiência negra no Brasil, pouco é dito sobre a profundidade das marcas e feridas provocadas em crianças negras. Dentro ou fora da escola, em maior ou menor grau, a depender do contexto, muitas marcas são produzidas em nossas infâncias. Esta fase, apesar de marcada por período de intensa expressividade e abertura para o mundo, algo mais exploratório – o início de nossas relações e contato com as pessoas – é, ao mesmo tempo, um período no qual temos pouco repertório socioemocional, pouco discernimento/capacidade de processar e encarar processos violentos e pouco repertório para identificar e nomear experiências oriundas do racismo, fato que deveria provocar uma parte significativa de nossa atenção enquanto psicólogos.

A escola, por ser o celeiro principal, é palco responsável por grande parte da nossa formação e desenvolvimento. É a escola que também reproduz e encarna de uma forma ou outra, toda a história antes mencionada. Desde a política de branqueamento institucionalizada, ao mito da democracia racial e o epistemicídio. É interessante compreender, então, que todas as estratégias de manutenção e renovação do racismo, inclusive as ideológicas e políticas - muitas vezes percebidas como separadas da “vida íntima” da pessoa - provocam experiências sentidas no corpo e na vida de pessoas pretas e que essas esferas estão imbricadas e entrelaçadas.

Ao investigarmos esses caminhos de desconexão produzidos pela experiência do racismo, percebemos a desconexão da história, por meio do epistemicídio e por todas as expressões do genocídio uma vez que nossos corpos são os principais veículos de nossa história; e também uma desconexão do próprio corpo. Tornando-se distante de si pelo desejo de ser outro – o embranquecimento – e pela política do constrangimento que é viver em uma sociedade racista cheia de representações positivas majoritariamente brancas.

4.3 Laboratório Kitembo: O início de uma reparação

Comecei a me aproximar do Laboratório Kitembo no final de 2015, quando havia recém-chegado de um intercâmbio e lá permaneci até o fim da graduação, retornando no início da pós-graduação. Apesar disso, Kitembo nunca se afastou de mim.

Em 2015, realizei esse intercâmbio de caráter acadêmico através do programa de Mobilidade Acadêmica da universidade e passei cinco meses estudando em Bogotá, capital colombiana, na *Pontificia Universidad Javeriana*. A PUJ é uma universidade privada, – gratuita para nós estudantes da mobilidade – católica, fundada em 1623, conhecida por ser uma das melhores e mais caras do país. Era uma infraestrutura parecida com aquelas universidades americanas que a gente vê nos filmes, um espaço gigantesco. O que poderia parecer altamente excitante, se tornou altamente desafiador. Alunos apurados, aquelas roupas de inverno tradicionais para muitos deles (mas não para uma carioca), outro idioma e um ambiente altamente elitizado. O campus onde aconteciam minhas aulas, em Bogotá mesmo, contava com ginásios, academia para os alunos, biblioteca 24h, cafeterias, muito espaço verde e várias sedes internas. Circulava por ali com meu black – fato raríssimo na cidade – e minhas roupas um tanto quanto simples para a performance local (risos). Quando soube da existência de um coletivo negro na universidade, tentei contato por e-mail mas não obtive resposta, nem via muitos dos meus por ali. Os poucos, fazia questão de fazer contato.

Experimentei ser a única brasileira intercambista daquele ano, entre centenas de estudantes. Na minha fala de apresentação em um auditório lotado na Conferência de Abertura, me apresentei e, como um desejo que cada um foi incentivado a compartilhar, disse que o meu era que pudessem ter mais estudantes negros no próximo semestre. A reação geral da plateia foram risos e isso me marcou muito. Meses depois, quando fui entregar meu documento de encerramento ao Coordenador da Mobilidade de lá, sem eu perguntar nada, ele me disse que naquele ano viriam duas estudantes negras...

Por fim, pude me encontrar fazendo programações musicais para o programa brasileiro da rádio universitária, fazendo aulas de salsa no campus e construindo amizade com meus companheiros de república, a maioria mais jovens do que eu, vindo de outra cidade para estudar por ali. Foram elas que tornaram essa trajetória possível.

Pois bem, foi dentro dessa experiência já de desconforto que certo dia vi algumas notícias compartilhadas por alguns amigos nas redes sociais. Pelo que me lembro, eram sobre estatísticas de mortalidade materna entre mulheres negras. Naquele momento, me dei conta de que tinha alguma coisa errada: Onde estava tudo aquilo no que estudei? A junção de incômodos fez com que uma chave extremamente angustiante virasse. Voltei desesperada para o Brasil. Do horror de me sentir naquele espaço e do horror de não ver mais sentido no que via na psicologia.

O primeiro dia em que encontrei o Laboratório foi em uma oficina sobre questões raciais em uma das Mostras Regionais do Conselho Regional de Psicologia (CRP). Estavam promovendo a oficina os colegas Phillipe Rocha e Denize Luz, dois estudantes negros, – hoje meus irmãos de axé – e possivelmente posso estar me esquecendo de outra pessoa. Naquele dia, estava com o mesmo desespero acometido em Bogotá e ansiosa por falar com eles, o que aconteceu no final do evento. Conversamos, lembro de ter falado do meu desespero, e de ter tido uma sensação de *encontro*: De ter sido encontrada no meu desabafo e de nos encontrarmos no nosso próprio desabafo comum. Dali, surgiu o convite para que me aproximasse do grupo e, logo depois, estava em uma reunião na casa do Davi Akintolá, na Tijuca, com comidas, trocas de conhecimento, dicas e tudo mais.

O Laboratório Kitembo, como aqui chamo, é o Kitembo – Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira, um laboratório vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e coordenado pelo Professor Doutor Abrahão de Oliveira Santos, orientador desta pesquisa. Kitembo, em sua existência, tem uma trajetória que abriga a busca e o encontro com os saberes afropindorâmicos, com o modo de cuidar dos terreiros, dos povos pindorâmicos, com a restituição de epistemes e autores negros, com o ancoramento na história brasileira, pela busca por modos de pesquisar contra-colonizadores, pelo aquilombamento.

Os encontros que o Laboratório organizava na universidade, produzia encontros improváveis e mobilizadores para nós e a psicologia. Alguns deles como o I Encontro Kitembo, “Ancestralidade, Cultura e Práticas de Cuidado nos Terreiros”, o II Encontro, “Saúde da população negra”, e o III Encontro Kitembo: “Povos Afro indígenas, Saberes Tradicionais, Pesquisa e Diálogo”, ocupava a universidade de cantos, rezas, membros de povos indígenas, membros de terreiros, jovens de favela e de periferia para pensar saúde, produção de conhecimento e caminhos de pesquisa (SANTOS, 2020). Era uma mudança e tanta.

Quando cheguei lá, portanto, vinha de um contexto onde não tinha referências pretas na produção acadêmica, me sentindo deslocada e isolada em minha própria experiência. A partir desse encontro, identifico a ocorrência de uma série de reparações. Uma delas ocorreu por meio do contato com uma literatura e episteme negras, mas não só.

Existe uma reparação, uma espécie de reparação psicológica – portanto, de corpo inteiro - que experimentei, que não vem necessariamente junto ao acesso à universidade. Essa reparação psicológica se dá: com o acesso à autores negros, com acesso à literatura

negra, com o acolhimento, ao ser bem tratado – olhos nos olhos, sem escusas – ao não ser silenciado, ao ser credibilizado. É essa reparação psicológica que experimentei no Laboratório Kitembo; reexperimentando potências possíveis. Parece que há um tipo de reconstrução, de partes em partes, que precisa ser feita. É quando nos juntamos.

Existe uma reparação que tem a ver com o cultivo e aceitação de nossa humanidade. As ações afirmativas precisam ser ações que afirmem a vida das pessoas às quais são destinadas, para além da garantia de suas presenças físicas. A reparação, portanto, também veio por uma experiência de dignidade que se deu pelo habitar coletivo e respeitoso de um espaço que se tornou um espaço de segurança psíquica, como disse o colega psicólogo Juan Telles quando partilhava de sua experiência em um coletivo negro. A reparação ocorreu pelo Laboratório se tornar um espaço de descobertas, de elaboração dessas descobertas, de novas percepções sobre nossa própria experiência; Ocorreu pelo Laboratório se tornar um espaço de novas percepções sobre a realidade acadêmica brasileira, por formar novos motores de pesquisa e por instituir em mim a possibilidade-corpo de ser pesquisadora. Ocorreu por se tornar espaço de desassossego, mas também de aconchego.

Além de toda produção intelectual, as visitas a outros espaços, as idas ao terreiro, os encontros no Flamengo, os bolos, a busca de parcerias, sobretudo de contato e de escuta para a elaboração não só de modos de pesquisa mas de modo de atuação, de pensar a psicologia e a minha prática, se tornaram diretrizes éticas na minha formação e atuação como psicóloga. Se em certo momento as referências eram ausentes ou insuficientes, agora me sentia amparada, como quem conduzida ancestralmente. Entretanto, é válido ressaltar que o amparo não resultou em um estancamento. Tampouco em certezas, verdades absolutas e um caminhar onde também não habitava o desassossego e a produção de novos sentidos, perguntas e direcionamentos. Muito pelo contrário. O tempo todo me sinto interpelada e provocada pelas constantes interações com a comunidade, com as pessoas que encontro, escuto e trabalho.

Nos terreiros de tradição congo-angola, a bandeira branca hasteada representa Kitembo, o tempo, que “indica a ida e o retorno” em uma concepção não linear do tempo.

O tempo é circular e não segue o critério do progresso, pois que a cada geração surgem novos anseios, novas questões, novos destinos, novas soluções e o tempo é o tempo do começar. É o tempo da liberdade, visto que cada geração põe os seus problemas em seus próprios termos; tempo do convívio, como vemos nas aldeias e nos terreiros, do mais velho com o mais novo (SANTOS,

O deslocamento do lugar hegemônico ocupado pelo saber psi – a universidade, os livros, os congressos, o consultório - fez nascer outras perspectivas de conjecturação desse lugar. Além disso, “esse lugar” já era desconfortável. Ele não era ocupado de *gente*.

Os Encontros realizados pelo Kitembo têm sido essenciais nessa mudança de perspectiva. A postura política e investigativa que preconiza ouvir a comunidade é de uma riqueza incomensurável apesar de provocativa. Ao invés de falar sobre, poder ouvir direto de quem fala, de quem vive. Não falar o que achamos, construindo uma narrativa por vezes fantasiosa e especulativa mas estar atento à outra dimensão da realidade.

Reencontrar o chão do Brasil, o solo podre, as pedras preciosas no caminho, as histórias de luta, as narrativas sociais e literárias de várias épocas, através dessas pegadas, pisadas, foram arando o solo e ao mesmo tempo me fazendo olhar o chão em que eu piso. Nosso meio de estar na rua, nas casas de axé, nos encontros com organizações sociais, visitas a espaços e locais, nossos rituais, para além de uma perspectiva, modo de pesquisa e de estar junto – esse “modo Kitembo” – se coaduna com o que Beatriz Nascimento (2018) supõe estar na raiz de todos os quilombos: uma necessidade de estar na terra, em meio à natureza. A historiadora, quilombola e intelectual, como é o título da coletânea de seus textos que uso como base, faz a observação de que os quilombos sempre se localizam em meio à natureza. Frequentemente em lugares altos – por uma questão estratégica de defesa –, mas com uma visão do horizonte e em espaços que concentram recursos naturais, o que a faz supor a necessidade de ter um espaço vital, que por sua vez revela uma forte conexão com a terra. Kitembo de certa forma partilha dessa herança quilombola que não é de fuga mas de “recriar a ligação primordial do homem com a terra”. (NASCIMENTO, B. 2018, p.210).

Essa circularidade se tornou fundamental e característica marcante do grupo. Por isso, talvez sentia que quando estava no Agbara, era Kitembo que também estava comigo. É essa psicologia que passou a me formar. Um ar que, finalmente, eu podia respirar, inclusive também fora dos muros da universidade.

Se não fosse por todo esse encontro, eu não entenderia porque o samba é terapia popular, demoraria mais a ouvir minha mãe e outras pessoas mais velhas enquanto fontes legítimas de saber. Demoraria mais a transformar o meu olhar e o meu corpo às fontes de conhecimento e interpelação diante da vida. O projeto de embranquecimento como um projeto de desvalor do que é negro, é real. Tornar-se branco é ter um ponto de vista

colonial que só valoriza o que vem de fora e, portanto, não o de dentro. Nesse sentido, muitos de nós às vezes demoramos a dar valor a história de nossas famílias, a onde moramos, nossos berços e, portanto, dissociamo-nos de nós mesmos e daquilo que nos constitui e nos nutre. A colonialidade atua a partir de dentro também.

5. CAPÍTULO II: RECUPERANDO UMA MEMÓRIA DE LUTA: OSWALDO CRUZ, QUILOMBO DO SAMBA

Capítulo dedicado à Edinho Oliveira.

Oswaldo Cruz, Quilombo do Samba, é como o bairro é carinhosamente e politicamente identificado por Edinho Oliveira, músico e compositor do Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo (MCSBG), em uma de suas músicas. Por conta de umas histórias que passei a ouvir das famílias que aqui moram: “Onde tem a casa daquela pessoa agora, antes era da Dona tal”, de como tudo era mato quando minha mãe e umas amigas eram crianças, as falas ainda de, “Antigamente tinha um pagode ali na esquina”, e por aí vai, eu já tinha indícios de uma história longa, rica e movimentada. Porém, o sentido de quilombo, o sentido de luta, viria começar a surgir um tempo depois.

O território que hoje abriga o bairro (intitulado assim em homenagem ao médico sanitariano), era a conhecida Freguesia de Irajá, de onde é oriundo também nosso bairro vizinho, e tão conhecido, Madureira. A Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, criada em 1647, correspondia ao espaço que hoje estão localizados aos bairros de Irajá, Anchieta, Ricardo de Albuquerque, Deodoro, Marechal Hermes, Bento Ribeiro, e os já citados Oswaldo Cruz e Madureira, bem como Campinho, Magno, Turiaçu, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Vicente de Carvalho, Colégio, Coelho Neto, Pavuna, Penha, Cordovil e Vigário Geral. A Freguesia estaria situada num certo “sertão carioca” onde se desenvolveram muitas lavouras, olarias e fundições (CUNHA, 2019), com uma população formada inicialmente por ex-escravizados e descendentes vindos do Vale do Paraíba Fluminense.

O bairro de Oswaldo Cruz, entretanto, pelo menos para os mais chegados no mundo do samba, costuma ser reconhecido pelo seu valor cultural e por ser um dos nascedouros de belos sambistas e compositores, além de ser o território que fez nascer grandes e tradicionais escolas de samba, como a já citada G.R.E.S. Portela, além da Império Serrano, Tradição, entre outras. Oswaldo Cruz também é muito lembrado

anualmente por todo dia 2 de dezembro, ser palco de um dos maiores eventos de samba do Rio de Janeiro; o Pagode do Trem.

Como dito na Introdução deste trabalho, foi por meio das minhas andanças aqui em Oswaldo Cruz que fui e ainda estou construindo, pouco a pouco esse conhecimento. Aprendi, sobretudo, por meio das histórias que ouvi, das esquinas e ruas que passei, dos momentos, dos bares e rodas de conversa que experimentei, das músicas que traziam lembranças que viravam contos e histórias... e das imagens que iam se recompondo em minha mente. Posso dizer que as pessoas, a comunidade me apresentou Oswaldo Cruz. Aprendi com minha mãe, Ana Regina, nas conversas com Juciara, quando as duas se lembravam da infância aqui na rua. Aprendi ouvindo seus amigos, com Waguinho, Jonas, seu Totoca, Celsinho, Gilson, meus primos e primas e tantas outras pessoas...

A perspectiva de memória que estará muito presente aqui, é importante dizer, não se trata de sua concepção clássica, ligada a aspectos biológicos-cognitivos. Tampouco fazemos referência à memória somente da perspectiva de um passado, como alerta o professor Abraão Santos em uma de nossas conversas. Não se trata de uma memória estática, mas de uma memória viva, que se manifesta nos quintais, nas árvores, nas pessoas, nas vozes, nos cochichos, no movimento negro, nos terreiros de candomblé, nos encontros. Que está nas ruas, nos corpos, nas vidas, nas vozes, nas músicas... Que se forma no seio da vida e vai ganhando forma, que vai sendo construída através das relações.

5.1 Quilombo Urbano Cultural Agbara Dudu/MNU: A força negra

O Grupo Afro Agbara Dudu é um bloco afro do Rio de Janeiro, o primeiro da região sudeste. Foi fundado em maio 1982 exatamente na mesa do bar do Tio Nonô, um bar que ficava em frente à atual Praça Paulo da Portela na divisa de Oswaldo Cruz e Madureira. Foi Agbara Dudu - força negra em Yorùbá – a força negra que retirou de mim todo desamor antes experimentado, replantou as sementes e me fez crescer como uma mulher negra.

Depois que ingressei na entidade, tive a sensação de que eu respirava o ar *agbarenses* nas ruas de Oswaldo Cruz mesmo antes de o conhecer. A quantidade de pessoas com que cruzei – daqui ou não – que me relataram que foram marcadas pelas festas, encontros, discussões não está no gíbi. Tenho a sensação e a mera certeza de que

também, como muitos dizem, Agbara foi um marco na história assim como, após mais de 30 anos, surpreendentemente, também é na minha.

Nosso encontro – ou reencontro – começou a partir de minha primeira ida ao Quilombo, atual sede do bloco. Naquele fatídico dia, ou melhor, noite, estávamos nesse mesmo bar (olha os bares aí) eu, Mario Júnior, meu companheiro de prática budista na época – compositor, também morador de Oswaldo Cruz e integrante do Grupo, Elias José, na época um dos presidentes da entidade e uma amiga, Yndiara. Por alguma oportunidade da conversa, não me lembro ao certo, talvez Mário tenha sugerido a Elias de nos mostrar a sede ainda em construção. Ela ainda não tinha os grafites lindo que hoje ocupam o muro externo, mas ali já havia algo especial.

Quando entramos, eu, Elias e Yndiara, Elias animado começou a nos contar não só sobre os planos para a sede (abrigar um pré-vestibular comunitário, ter uma biblioteca, espaço para as crianças e por aí vai) mas nos brindou com a preciosa informação de que naquela região antes funcionava um quilombo⁸. Eu lembro de ter ficado impactada. As histórias de Oswaldo Cruz sempre me impactam e continuam...

A mecânica é a seguinte: Cada pedaço de história que se refaz, retrai uma abstração e sedimenta um solo. É como se o mundo fosse um campo de abstrações, sem vida e, a partir do momento em que não só ouço uma história, a vida colorisse e impregnasse aquele lugar, de vida. Falo não só ouço porque as histórias sempre vêm num conjunto, como se fossem várias veias.

*Talvez mapear essas veias que carregam sangue,
que carregam axé,
pelo mecanismo do espelhamento, avivem e façam correr o sangue em minhas veias,
fazem refazer o axé, a força vital, em mim*

Pois bem, minha história com o Agbara nunca mais parou. Algum tempo depois dessa apresentação da casa, o Quilombo ganhou vida e no dia 20 de novembro de 2017 houve a inauguração do espaço com uma série de falas de integrantes do grupo e do MNU, além de muita música e feijoada.

Figura 1 – Foto em frente ao Quilombo Urbano Agbara Dudu/MNU



Fonte: Post do Instagram retirada do arquivo pessoal

Naquele dia, eu fui sozinha e lembro de depois nunca mais estar ou mesmo me sentir só naquele espaço. Pouco tempo depois, as atividades começaram a se reestruturar, a começar pela Banda Dudu. A partir desse momento, comecei a frequentar o espaço, criar as artes e ajudar a divulgar as oficinas. Passei a frequentar as reuniões da Diretoria às quartas-feiras e, durante os eventos que construíamos, as atividades iam desde varrer o chão, limpar os banheiros, a receber as pessoas e arrumar o espaço. Tudo, é necessário dizer, gradativamente. Ali, comecei a aprender sobre confiança e a importância do tempo, o que tenho experimentado de forma semelhante na casa do candomblé.

Aos poucos, comecei a propor atividades e atuar em diferentes frentes. Teve o Grupo de Estudos sobre o livro *O Quilombismo* de Abdias Nascimento, às segundas-feiras, quinzenalmente, junto com Áurea Estela; teve a produção de uma oficina intitulada “de Maafa a Maat” sobre Alimentação I-tal e Kemetica Yoga promovidas por Kianda Ka Jehuty e Karaba Kephera; a produção e o acompanhamento das oficinas permanentes de Kemetica Yoga conduzidas também por Kianda, encontros de outras redes que eventualmente aconteciam lá no espaço, como a do projeto de educação africana Ndezi

no Parque¹³, o Encontro das Angoleiras Pretas¹⁴, Rede de Terapeutas Pretxs¹⁵, Ciclo Sinergia¹⁶... um número sem fim de Terreirões Agbara¹⁷ e outras atividades.

A cada encontro ou reunião nossa, fosse às quartas-feiras ou nos dias de evento, conversávamos, ouvíamos música, rolavam sessões ao vivo com Elias, Edinho, Dinha, Dangó, Tânia Márcia, Mário Júnior e os amigos que apareciam. Era o momento de ouvir e cantar músicas de Luiz Melodia, Djavan... Era o momento de cantar o passado, o presente, nossa cansaço e nossas alegrias em estarmos juntos. Quando Elias me chamava de neguinha, quando Edinho fazia questão de atravessar a rua para me levar ao ponto de ônibus, a preocupação de todos comigo ao chegar em casa, os ouvidos atentos às minhas opiniões e os abraços fizeram com que todo desamparo histórico vivido de forma existencial fosse dando lugar a um sentido de existência mais incorporado.

A conjugação entre presença, afetividade, repertório visual e artísticos pretos e ação/planejamento comum me fez experimentar que o pertencimento não estava destituído da luta. **Eu me sentia mais negra e isso era uma vitória para quem um dia desejou não existir pelo mesmo motivo.** Me sentir mais negra, nessa etapa, era me sentir cheia de vida, de força, de vontade e de poder. Poder de realização. Quando ouvia Alcinea, Alcirene, Dinha e Edu contarem dos movimentos e das ações Agbarenses ao longo do tempo, meu corpo também se imbuía de impulso de movimento. A força de Alcinea, tão pequena, pedindo para a banda “levantar” na hora de cantar, era como se o chão me levantasse.

Em outra esfera – ou talvez a mesma, quem sabe – Agbara também mudou minha **relação com a psicologia.** Nesse sentido, dentre várias, teve uma ocasião que me marcou bastante. Era dia de ensaio da banda e fui até o Quilombo para apoiar o encontro, como combinado com Edu. O grupo já estava grande, com os meninos e meninas vindo de longe e, como sempre, havia uma preocupação em poder oferecermos um lanche ou uma comida

¹³ Ndezi no Parque era um projeto de educação afrocentrada promovido pela organização Aya Pan-Afrika.

¹⁴ Angoleiras Pretas é um coletivo de mulheres negras capoeiristas que tem como objetivo fortalecer a permanência de mulheres negras na capoeira e promover o acolhimento.

¹⁵ A Rede de Terapeutas Pretxs é uma rede composta por diversos terapeutas como psicólogos, massoterapeutas, fisioterapeutas, que surgiu com o objetivo de promover troca de conhecimentos, contatos e, sobretudo, cuidados entre os profissionais.

¹⁶ Ciclo Sinergia: autocuidado como princípio de cura é um projeto co-criado por Folashewa, negra mulher pesquisadora de práticas ancestrais afrekanas em saúde, terapeuta holística, mestra em Educação Profissional em Saúde. Nesse momento, o projeto era co-facilitado por mim e realizamos a primeira edição externa no Quilombo. O projeto anteriormente só havia acontecido na sala do Coletivo DENEGRIR na UERJ, oferecido em parceria com a Kanda Ìmárale.

¹⁷ Terreirão Agbara é um evento promovido pelo Grupo Afro Agbara Dudu onde reunimos apresentações de samba afro, comidas e confraternização.

para compartilharmos e nesse dia topei levar uma sopa de ervilha. Em dado momento, houve uma rodada de apresentação e, na minha vez, talvez tenha sido um dos primeiros momentos em que me apresentei também como psicóloga. Isso era bem pouco comum. Apesar disso, quando algum membro da Diretoria me apresentava era sempre como “nossa psicóloga”. Nesse dia especialmente, disse que tinha essa profissão e que acreditava em uma psicologia diferente.

Essa ficha demorou a cair, apesar do reconhecimento sempre ter vindo. Com Agbara, com o CCCP Paulo da Portela, com a Filhos da Águia eu entendi que eu tinha uma função e que a psicologia poderia ter uma função outra que não “levar o conhecimento e o saber” ou ser a proponente de soluções para a vida e problemas das pessoas. Aprendi que a psicologia poderia apoiar e fortalecer movimentos comunitários, que varrer o chão era tão importante quanto dar uma palestra e que poderia transitar com tranquilidade e sem desconforto entre essas atividades. Aprendi que a psicologia que eu acreditava tinha a forma que minha comunidade precisava. Então eu pude ser “DJ” nos eventos, pude conduzir grupos de estudo ou fazer uma sopa de ervilha com a mesma firmeza e convicção de que estava fazendo a coisa certa.

A partir desse momento, eu já não estranhava quando era apresentada como a psicóloga desses grupos pois passei a entender que tudo o que fazia tinha um propósito e esse propósito também tinha a ver com cuidado. Esse propósito tinha e tem a ver com promoção de saúde negra e isso envolve potencializar espaços seguros de socialização, isso envolve propôr e me envolver em atividades educacionais e culturais negras, isso envolve pensar em ações que garantam insumos de sobrevivência para cada entidade, colaborar para a preservação de sua longevidade, entre tantos outros aspectos.

Já no **Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo (MCSBG)**, o prazer de agradar aos ouvidos se misturava com a admiração pelo viés político daquela roda de samba. Para quem não conhece, O MCSBG, é um movimento que tem por um dos seus fundadores Edinho Oliveira que tem como objetivo promover um espaço, por meio das rodas de samba, onde os compositores pudessem apresentar seus sambas autorais, onde todos pudessem ter voz. O movimento fortalecia o espaço suburbano, buscando quebrar a hegemonia e a seletividade das grandes corporações da música como o rádio, por exemplo. Ali, os sambistas, cantores e compositores tinham espaço, organizado de forma sempre justa e democrática, não importava quem fosse. Quem quisesse cantar, botava seu nome na lista. Além, o MCSBG disso promovia outras atividades culturais no bairro de Oswaldo Cruz, onde foi fundado. Esse ano de 2022 completou 26 anos de existência.

As Rodas de Samba do Buraco do Galo aconteciam tradicionalmente ao lado do bar de mesmo nome, em Oswaldo Cruz, ao lado dos apartamentos. Porém, quando o Quilombo Urbano Agbara Dudu se instituiu em parceria com o Movimento Negro Unificado ali em frente à Praça Paulo da Portela, as rodas que aconteciam todo primeiro sábado do mês passaram a ocorrer lá. Foi quando tive a oportunidade de acompanhar mais de perto sua realização.

“*O samba, que vem de semba, que vem da África*”, era assim que Edinho Oliveira, o comandante da roda, iniciava todo encontro. “Trazido pelos nossos irmãos de além mar”, completava e assim, Edinho fazia uma genealogia do samba até chegar a nós, no Rio de Janeiro.

Figura 2 – Na foto em destaque Bolinho da Cuíca, Edmilson *in memoriam*.



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao fundo da Figura 2, painel de fotos de personalidades do samba. Esses painéis estavam espalhados nas paredes do fundo e da lateral da roda de samba.

Figura 3 – Foto de Edinho Oliveira *in memoriam* acompanhado dos músicos da Roda de Samba do Buraco do Galo dia 2 de dezembro de 2019, comemorando o Dia Nacional do Samba.



Fonte: Arquivo Pessoal

Vemos ao fundo da Figura 3 um mapa da África

É importante que façamos um reconhecimento, em louvor a esses movimentos locais, autônomos que de maneira muito bonita, árdua e firme vem "mantendo viva a nossa história" lá em Oswaldo Cruz – e, certamente, em outros lugares- mas cujos efeitos alcançam além de seu território físico. Esses movimentos e organizações também constroem - ativamente e diariamente nas suas atividades - uma política de preservação e de construção de uma memória negra.

Era também nesse momento que Edinho falava sobre as necessidades de Oswaldo Cruz, sobre a falta de uma creche, sobre a falta de acessibilidade na estação de Oswaldo Cruz que não continha uma rampa, por exemplo. Era, nessa hora onde todos os presentes estavam atentos, que nosso mestre se fazia valer para também falar de política e de uma vida mais digna para nós. Foi ali que aprendi sobre compromisso pois o discurso não mudava quando havia mais ou menos gente presente na roda.

A experiência no Quilombo reuniu a recomposição de força e sustentação, a ressignificação do meu lugar enquanto psicóloga e a reconstrução do próprio sentido de psicologia, além do impacto subjetivo do retomar da memória de luta negra. Sobre este último, Beatriz Nascimento também tece importantes considerações a esse respeito quando questionada em uma entrevista sobre o benefício de saber sobre o papel também duro, “algoz” exercido pelo homem negro ao longo da história. Ela diz:

“é preciso mostrar ao negro a verdade histórica, dando-lhe oportunidade de tomar conhecimento de sua própria força. Ele precisa saber que pode dominar, pode organizar uma sociedade e fazê-la vitoriosa. Se ele vai usar essa força para dominar os outros ou simplesmente para libertar-se, afirmar-se, é problema dele. O importante, inicialmente, é recuperar a consciência de sua força, sentir-se potente. Ou seja, que negro não é sinônimo de vencido.” (NASCIMENTO, B. 2018, p. 101).

Abdias Nascimento (2019), da mesma forma, traz um sentido interessante para a memória, a partir da memória da escravização, ao afirmar que não se trata de relembrar e permanecer na dor, como uma espécie de lamentação, mas de compreender o processo histórico de luta que nos trouxe e nos permitiu a vida até aqui, recuperar o fato de que na violência houve luta. E é no reencontro com outras narrativas que isso torna-se possível.

Quando propõe a realização da Semana da Memória Afro-Brasileira, Abdias traz o que parece ser o sentido dessa retomada:

Através de celebrações anuais, a comunidade negra não só honrará os antepassados, como **reforçará a sua coesão e identidade**. E transmitirá às novas gerações um exemplo de amor a história da raça, **auxiliando-as a ter uma visão mais clara e verdadeira do papel fundamental cumprido pelos escravos africanos na construção deste País**. Isto só **infundirá** aos jovens de agora e do futuro **um orgulho em lugar da vergonha** que a sociedade dominante tem procurado infiltrar na consciência dos negros, como a única herança deixada por seus ancestrais. (NASCIMENTO, A. 2019 p. 308)

Não é uma espécie de lembrança contemplativa, mas mobilizadora da ação, da transformação no presente e reconstrução do futuro.

Resgatar nossa memória significa resgatarmos a nós mesmos do esquecimento, do nada e da negação, e reafirmarmos a nossa presença ativa na história pan-africana e na realidade universal dos seres humanos. (NASCIMENTO, A. 2019, p. 309)

Essa é uma perspectiva de memória que temos a intenção de entender e, de certa forma, visibilizar: Uma memória que é operativa. Se não temos a mídia, entretanto, temos uns aos outros. Nossos corpos, os portadores de memória mais expressivos que há. Descobrir as histórias e refazer as memórias sobre nós mesmos, – nosso povo – é reconstituir e, ao mesmo tempo, construir partes antes vazias ou esfaceladas de nós e, talvez, essa seja uma grande lição que também aprendi nos movimentos. A memória não se separa da ação. A memória, por sua vez, guia a ação, incansavelmente.

Beatriz Nascimento parece caminhar no sentido sempre de trazer a importância de escrever essa história mas não como se tal tarefa viesse ocupar apenas uma lacuna historiográfica mas sobretudo como algo que opera no sentido e no sentir da própria vida das pessoas negras. A historiadora cita uma expressão, entre aspas, que se faz bastante oportuno: “o ego histórico” (NASCIMENTO, B. 2018, p.44).

Se levarmos adiante esse pensamento, dialogando com o campo da subjetividade, podemos afirmar que, quando se fala em um “ego histórico” está dando a entender que há um processo de formação de si, de certa forma estruturante de nossa subjetividade que está para além de conformações intrapsíquicas e familiares, mas que pode estar alicerçado à anos e anos de conformações e dinâmicas representativas e imagéticas.

A respeito disso, o psicólogo Amos Wilson (1993) nos traz importantes reflexões quando discorre sobre a amnésia social e os efeitos do apagamento da história de um povo. E aqui, importante ressaltar que o racismo não é um fenômeno que se trata ou incide sobre pessoas mas sim sobre um povo. Portanto, de acordo com ele, tirar ou diminuir a história de um povo é impactar negativamente o seu senso de identidade compartilhada e ao mesmo tempo retirar a base, referência sobre a qual devem se comportar e agir coletivamente. Desprovidos dessa memória e conhecimento histórico, esquece-se do compromisso que enquanto povo tem-se com os que vieram e com os que virão.

Podemos fazer uma relação com o que Nascimento (1980) coloca como uma espécie de *mentecídio*, a respeito de um processo de lavagem cerebral - forma de controle social - que entorpece a capacidade de raciocínio. Quais são os impactos disso na formação subjetiva de negros e negras em diáspora ou em um contexto global de dominação posta pelo racismo?

“Enquanto nós estivermos aqui na Terra, teremos o compromisso também de celebrarmos aqueles que passam dessa oportunidade terrena, para outra.”

Essas foram as palavras proferidas por Edinho Oliveira na ocasião da homenagem à Bolinho, músico e cuiqueiro do Samba do Buraco do Galo após o seu falecimento. Agora trago-as de volta como forma de honrá-lo e celebrá-lo.

Edson José Alfredo de Oliveira, cantor, compositor, produtor artístico, militante negro, co-fundador e dirigente do Samba do Buraco do Galo, amigo, mestre, mais velho, fez a passagem no dia 22 de abril de 2022.

O meu muito obrigada por ter podido me brindar com sua presença e pelas sementes que plantou em mim e em todas as pessoas que puderam desfrutar de sua convivência.

Axé!

5.2 G.R.C.E.S.M. Filhos da Águia da Portela: A continuidade

O Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Filhos da Águia da Portela é uma escola de samba mirim da cidade do Rio de Janeiro. É “filha” da G.R.E.S. Portela, escola de samba também carioca, fundada em 1923. Meu avô materno Renato José de Oliveira, na escola mãe, Portela, integrou a velha guarda e minha avó, sua esposa, desfilou durante anos na ala das baianas, foi destaque e fez de um tudo. Hoje, ambos falecidos, se fazem presente toda vez que cruzo pela azul e branco ou acompanhando minha mãe ou por alguma outra atribuição própria. Minha família está lá, pelo menos desde a década de 60. São 60 anos de história.

O G.R.C.E.S.M. Filhos da Águia da Portela foi fundada em 2001 e, desde sua fundação, tem como valor o compromisso permanente a preservação cultural, a formação histórica e o bem estar integral dos seus sucessores, além de prezar e ter como característica o bom relacionamento com os pais e colaboradores. Participa, todos os anos do desfile oficial de escolas de samba mirins, realizado na Marquês de Sapucaí desde 2006 e, hoje, conta uma média de 900 desfilantes mirins, da faixa etária de 05 anos a 18 anos incluindo a Ala de crianças especiais. Além do desfile durante o Carnaval, a agremiação vem ao longo dos anos desenvolvendo uma série de ações de forma gratuita como Aulas de Percussão, Oficinas Pedagógicas, Oficinas de Corte e Costura além das Apresentações Musicais.

Entretanto, não conheci a história da Filhos da Águia dessa forma, escrita e linear. Muito pelo contrário. Foi e tem sido aos poucos, por várias vozes e, também por vezes pelo silêncio. Essa dimensão de aprendizado e, vamos ver, de reconstrução, tem acontecido mais uma vez por meio da presença. Da presença e da captação de muitas vozes, músicas, vidas e olhares.

Fui convidada a participar da escola como Diretora de Projetos em finais de 2019 a partir do convite do presidente e vice-presidente da agremiação. Respectivamente Celso Soares de Andrade, mais conhecido como Celsinho, pertencente da Ala dos Compositores, filho do compositor e intérprete da Portela, o já falecido seu Avelino e neto de Dona Zizina que, segundo ele, era conhecida como “a bruxa de Oswaldo Cruz” e Arcimi Santos, integrante da velha-guarda, filho de Armando Santos, ex-presidente da Portela e conhecido principalmente por ter ocorrido em sua gestão o famoso campeonato de 400 pontos em 1953.

A Filhos da Águia acionou em mim o elemento da **continuidade**, que se expressa tanto no fortalecimento dos laços que ligam passado, presente e futuro, em minha história pessoal, tanto me incluindo de forma contundente no movimento da história de luta e resistência pela continuidade da ação na azul e branco. Essa continuidade se torna viva em cada integrante, a cada criança negra – das centenas - que tem a oportunidade de lá estar. Tornam-se inseridas na história, na preservação e na expressão da memória negra.

O elemento da continuidade torna-se importante mediante o cenário de esfacelamento da memória negra, produzida pelas diversas expressões do genocídio. Pela precarização das condições físicas, materiais e psicológicas das pessoas negras: A impossibilidade (financeira) de acessar recursos de fotografia, do acesso aos livros, à educação e outros bens, bem como as históricas más condições de habitação. Sabemos que uma parte dessas pessoas vive em locais precários sujeitos a deslocamentos, enchentes, invasões, remoções, fatos que prejudicam a manutenção de qualquer tipo de patrimônio, registro material.

Além da dificuldade material, percebo que evitar lembrar do passado é também evitar rememorar muitas dores, pois frequentemente este passado é acompanhado de um histórico de violência, fome e outras mazelas. Em minha família é assim e, através de algumas conversas com amigos, vejo que em muitas outras. Já ouvi tanto de minha mãe como de minha tia, ao serem perguntadas sobre a infância, vivência na família era frequente a fala "Ai, não gosto de falar disso não" ou "Não gosto nem de lembrar". Esse é um reflexo da história da diáspora negra brasileira.

Por todas as formas de extermínio direcionadas ao povo negro ao redor do mundo: Cada jovem negro que morre, o nutricídio, o racismo religioso, o embranquecimento cultural. Sobre este último, que gostaríamos de ressaltar, Nascimento (2017) utiliza até o termo “imperialismo da brancura”.

Além dos órgãos do poder – o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia – as classes dominantes brancas têm à sua disposição **poderosos implementos de controle social e cultural**: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária. **Todos esses instrumentos estão à serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria.** O processo de aculturação não se relaciona apenas à concessão aos negros, individualmente, de prestígio social. Mais grave, restringe sua mobilidade vertical na sociedade como um grupo; invade o negro e o mulato até a intimidade mesma do ser negro e do seu modo de autoavaliar-se, de sua autoestima. (NASCIMENTO, 2017, p. 112)

A parte disso, como o próprio Abdias sinaliza em vários momentos de sua célebre obra “O Quilombismo”, a população negra a despeito de toda espécie de crueldade, massacre e intempéries, mantém-se de pé: Produzindo rupturas, ressignificando e mantendo vivas suas tradições. O candomblé, as benzedeiras, o jongo, a capoeira, o samba com suas inúmeras variações e as práticas que passam de geração a geração são prova dessa (r)existência e que guardam em si fundamentos e referências de valores ancestrais.

O samba nesse contexto, enquanto herança e reinvenção dos ancestrais africanos, configura-se como potente campo interlocutor e abrigo dessa tradição. Sodré (1998) aponta o samba enquanto tática de resistência cultural, de troca social e “movimento de continuidade e afirmação de valores culturais negros” (p. 56). Entretanto, enquanto movimento inserido na dinâmica social brasileira e apesar de toda resistência, o samba também vem sofrendo um processo de embranquecimento (SILVA, 2016). A cooptação e capitalização do carnaval e das escolas de samba são um exemplo disso. Candeia, grande compositor portelense que anuncia o título desse pré-projeto já via os efeitos disso quando se propôs, aliado a outros parceiros, a fundar o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo como via de resgate dos “valores originais do samba”, que, em sua leitura estaria se distanciando de suas comunidades e se perdendo diante da comercialização.

Segue uma parte do samba-enredo da GRESCM Filhos da Águia da Portela em 2020:

*Em todo canto há resistência
 Por entre vielas e becos
 Corre o orgulho em ser negro
 Rei... herói tantas vezes esquecido
 Da própria liberdade foi autor
 Seu povo valente não se rendeu
 Fez história, fez memória... venceu!
 Todo o legado de um povo então floresceu
 Não vejo o “preto” em seu lugar na estória
 Nas páginas da vitória, ocuparam seu lugar
 O “povo preto” sempre quis dignidade
 Que respeitem sua verdade e a cultura popular*

(...)

(Compositores: Rafael Faustino, Raphael Gravino, Mika Alexandre, Marcus Vinicius Sherman e Henrique da Águia)

O fato da presidência da escolinha (como nos referimos à G.R.C.E.S.M. Filhos da Águia) ter essa configuração no presente também me emitiu uma importante mensagem de força e coragem. São dois senhores negros, de 63 e 78 anos, respectivamente, que se

propõem a “tomar conta” de seu ninho e que também são Filhos da Águia (filhos de integrantes já falecidos da Portela). A continuidade é viva aqui. Além disso, essa experiência deu mais formação à essa memória de luta: Conheci, mais uma instituição, no território em que eu faço parte, essencialmente negra em sua história, de base comunitária que até hoje está em ação. Filha de uma escola de samba e que também é uma, representando uma das maiores expressões da cultura negra do país.

Quantas instituições de luta, em suas mais diversas expressões, seja no campo da educação, da cultura, da saúde ou na interface entre todas essas, nossos jovens negros conhecem?

Existe uma tradição de movimentação negra pré e pós-diaspórica que muitos de nós não temos acesso e que, menos ainda nós profissionais do cuidado (em suas mais diversas formas também), consideramos dentro de um plano de saúde ou de educação ou de cuidado. Estar em contato com outras histórias da experiência negra que não a da escravização tem caráter fundamental. A luta e a articulação são importantes de aparecer. É importante de dar visibilidade. Fugir das narrativas passificadoras – de tornar passiva – e restritas da presença negra a nível mundial e local é imprescindível quando queremos fortalecer a autoestima negra.

Um exemplo crítico que podemos dar em relação a esse aspecto, é a perspectiva difundida do quilombo constituído somente enquanto como um espaço de fuga e não como uma criação intencional de uma sociedade livre, ancorada pelo desejo de viver em seus próprios termos (NASCIMENTO, B. 2018)

Essa recuperação da memória porém, tem uma dimensão de projeção, no sentido de projetar uma ação no mundo. Amos Wilson, também sinaliza em uma de suas palestras que o estudo da história não deve servir apenas para inflar nosso egos mas sim, deve ser feito de uma maneira que promova os nossos interesses (WILSON, 2021)

6. CAPÍTULO III: REINTEGRANDO: SER É PERTENCER

Quando falamos sobre comunidade, é certo estarmos adentrando em um campo amplo e de múltiplos sentidos. Mapeando as formas as quais a comunidade aparece na literatura, não há consenso quanto ao seu significado, aparecendo ainda como objeto de disputa (POLIVANOV, 2015). Segundo o trabalho de revisão de Silva e Simon (2005), as concepções que aparecem no campo da saúde, antropologia e psicologia, entretanto, giram em torno das ideias de comunidade como algo homogêneo e que carregaria um

senso de unidade. A comunidade também aparece como um lugar de utopia, das boas e harmônicas relações, em contraponto aos problemas da modernidade, considerada a grande vilã da vida em comum e solidária. Entretanto, essa concepção parece estar ligada a uma utopia saudosista, que, em vez de orientar ações voltadas ao futuro, remete ao passado, como uma espécie de lamento.

No que se refere à psicologia, o conceito de comunidade é ausente do seu campo pelo menos até a década de 70, quando aparece enquanto referencial analítico a partir do que viria a se denominar de *Psicologia Comunitária*, um ramo nascente da Psicologia Social. Tal surgimento teria a ver com um movimento amplo, para além da Psicologia, de avaliação crítica do papel social das ciências, bem como a revisão de valores tal qual a suposta neutralidade científica. (SAWAIA, 2007).

Nos trabalhos desenvolvidos na comunidade, o psicólogo aparece frequentemente como “promovedor da consciência” nas “classes mais baixas”, desenvolvendo um trabalho de conscientização, de promoção de organização e autonomia. Percebemos, dessa forma, que a comunidade aparece sempre como campo de intervenção e não de pensamento e aprendizado. Além disso, o sentido de comunidade está frequentemente atrelado a “classes menos favorecidas” e à pobreza. Nota-se o intuito da psicologia de conscientizar, educar com fins de que a “comunidade” assuma seu papel de sujeito da própria história, como se já não viessem historicamente assumindo.

Nosso caminho, entretanto, está mais alinhado com outras perspectivas de comunidade, trazendo-a não como campo de intervenção, mas como campo de formação, de pensamento e de fortalecimento. Nos interessa trazer um sentido – e não uma definição - de comunidade que não tem a ver com carência ou falta, mas com riqueza e nutrição.

Para mim, a comunidade tem sido tudo aquilo que me faz lembrar e reencenar a unidade com a vida e com o mundo. É quem me lembra que estamos unidos e nos damos suporte desde tempos imemoriais.

A vizinha, amiga da família que entra pela porta da minha casa para contar uma notícia, que sai com uma possibilidade de trabalho, que noticia que mudou de casa, isso me faz entender o que é comunidade. Minha madrinha, que me procura para buscar orientação porque seu neto precisa de um psicólogo, para mim isso me faz entender o que é comunidade. Quando me ligam falando de uma proposta ou ideia de atividade pública, pensando e querendo preservar os saberes e a comunidade negra, isso reativa em meu corpo, a memória de que estamos em comunidade. Mas esses sentidos foram e estão sendo construídos de forma contínua.

Essas lembranças e contos, contavam também não só a história de Oswaldo Cruz, mas traziam elementos sobre a minha família. Como era o dia a dia na minha casa quando meus avós eram vivos, quando minha mãe era criança e jovem... A tradição da casa cheia, das festas, da fartura de comida, os momentos de escassez, a forma como todos os sobrinhos e filhos eram criados ajudando a família, enfim. Foi, a partir dessas lembranças partilhadas que as ruas e os muros de Oswaldo Cruz foram ganhando vida. Que o caminho da Feira do bairro na Rua Adelaide Badajós ganhava outra iluminação. Via jovens, crianças e velhos passando e me dava a sensação de que estava tudo certo. Eu estava “no meu lugar”. Foi a partir dessas lembranças revestidas de agora, que passei a habitar minha casa de outra forma. Posso sentir a vida nas paredes, a força daquele chão e o espaço que já abrigou tantos movimentos de vida e morte.

E esse tipo de composição tem sido de uma lição muito grande para mim. Antes, de alguma maneira, esperava que tudo viesse da minha mãe. Ela deveria me contar toda a história, linear, de como era no começo e como estamos aqui hoje. A partir de certo momento, eu tive essa expectativa. O que fui experimentando na prática, entretanto, é que as pessoas ganharam cena. Existiam muitas vozes, muitas narrativas outras. E tudo começou a ser povoado. O que quero dizer com isso? É que, em um encontro com minha mãe e duas de suas amigas, Elza e Eri, pude ouvir sobre como se divertiam e marcavam seus encontros antes, sobre como eu era como bebê e como minha mãe era vista. Foi, outro dia em uma festa, ouvia uma vizinha falar de como minha vó era amiga, de como elas se relacionavam e tudo mais. Foi, ouvindo Jonas contar sobre as festas que frequentava aqui em casa, de como minha vó sempre aparecia com a comida, preocupada e que aqui em casa sempre foi esse lugar de receber amigos, de ouvir música, de reunir pessoas.

Com isso, aprendi a ouvir as pessoas. Aprendi, na verdade, a me abrir a esse mundo. Se antes achava que eu era só, aprendi que sou e somos feitos das interações. Em uma longa conversa com minha mãe, depois de um passeio por memórias de infância, relato de experiências da vida, coisas que passou, ela me disse: *Faça disso tudo um talismã.*

Antônio Bispo dos Santos (2015), lavrador e líder quilombola, situa como um dos processos da escravização a tentativa de destituição dos valores socioculturais dos povos escravizados, a começar pela religiosidade. Entretanto, apesar de tal empreitada, concordamos que não houve uma destruição total desses modos de vida, mas que eles

foram preservados, ressignificados e ainda se fazem presente. Este trabalho é também, de alguma maneira, uma tentativa de dar visibilidade a isso.

No livro *Colonização, Quilombos: modos e significações*, Bispo, tenta de contribuir para o refazimento das bases epistêmicas, das excludentes das universidades brasileiras. Entre outras contribuições, faz uma análise das relações históricas entre os diferentes povos no processo de colonização e contra-colonização das Américas. No primeiro capítulo, *Invasão e Colonização*, ele tece um comparativo entre as matrizes culturais dos colonizadores e dos contra colonizadores:

Trazendo como exemplo a religiosidade, o trabalho e manifestações culturais, Bispo vai traçando, ou melhor, evidenciando alguns valores:

As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. As competições são praticadas em espaços delimitados e arbitradas por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 41)

Se por um lado, nas manifestações de matriz eurocristã monoteísta, há, apesar do coletivo, uma primazia do indivíduo, que prevalece sobre o coletivo, em contrapartida, nas manifestações afro-pindorâmicas politeístas o indivíduo é visto de forma integrada, sendo de certa forma uma expressão do coletivo, que impera sobre os indivíduos. Essa é uma visão muito ancorada no que se conhece como o contraste entre o *ethos* europeu e *ethos* africano. Nesse sentido, pretendemos aqui evidenciar, dentro dessas visões, quais os efeitos em termos de saúde/vida em um modo de vida integrado à comunidade e o papel desta no processo de cura.

Para o povo Dagara, segundo Somé (2003), a comunidade ocupa um lugar central. Dentro da perspectiva do seu povo, a comunidade é o lugar onde as pessoas partilham os seus dons e ao mesmo tempo, recebem as contribuições de seu povo. Sem esse espaço de partilha, a pessoa fica sem um lugar para contribuir e sem essa contribuição a comunidade morre. Esta, teria como objetivo garantir que cada membro seja ouvido e possa contribuir da melhor maneira com os dons que trouxe ao mundo.

Nesse sentido, se você não tem uma comunidade:

1. Você não é ouvido
2. Não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele
3. Não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons

Como consequência, essa ausência geraria alguns efeitos. Um deles, seria ter muitas pessoas com seus inúmeros dons e contribuições sem um lugar onde desaguá-los; outro entendimento é de que essa carência provocaria um enfraquecimento do ser, tornando-o vulnerável.

É interessante essa metáfora sobre o desaguar dos dons, porque essa é exatamente a minha experiência. Minha sensação é de que, meus dons, minhas palavras, minhas ações são colocadas em um mar e se misturam, ganham novos componentes, nutrientes, contribuições, se remexem. A água tem um sentido permeável e há uma troca nesse encontro.

Quando não descarregamos nossos dons, entretanto, experimentamos um bloqueio interior que nos afeta espiritual, mental e fisicamente, de muitas formas diferentes. Ficamos sem ter um lugar para ir, quando temos necessidade de sermos vistos, ouvidos e nos sentirmos pertencentes. A comunidade tem o papel de ajudar a afirmar quem somos. Podemos afirmar que é a operacionalização do Ubuntu, base apontado como a raiz, um pilar da filosofia africana (RAMOSE apud KASHINDI, 2017). “Uma pessoa só é uma pessoa através de outra pessoa” é a tradução do provérbio zulu *Umuntu ngumuntu ngabantu*, “Eu sou porque nós somos”, como popularmente se tornou conhecido,

É necessário e importante entender esse modo de vida não como um mecanismo de reação às feridas racistas ou ao modo de ser branco, mas evidenciar uma conduta, um ethos, um modo de ser e estar no mundo que diz respeito a outro tipo de experiência.

7.1 Ver e ser visto: Um relato

Ser visto é uma das necessidades primordiais do ser humano e experiência negra no Brasil tem sido uma experiência de invisibilidade em muitos aspectos.

Entre os dias 7, 8 e 9 de fevereiro do ano de 2019, o Agbara organizou o *Primeiro Encontro de Tambores Africanos*. Todo evento que fazemos me emociona e esse não foi diferente. Segue um dos textos utilizados na divulgação do mesmo:

Os nossos Tambores irão rufar sob o signo da Cosmogonia africana, a partir da leitura histórica milenar das nossas relações, com os nossos instrumentos musicais percussivos em nossas vidas, corpos e mentes. Venham participar e integrar-se nessa viagem coletiva intelectual da nossa gente. O bairro de Oswaldo Cruz mais uma vez será palco de um exercício cultural de alto estima, como parte do legado deixado pelo nossos antepassados.

Salve Paulo da Portela (o grande Mestre do Samba). Salve Natal da Portela (o grande Líder, nosso eterno Presidente). Salve Dona Dagmar do Surdo (a grande Mulher Percussionista do nosso tempo), primeira Mulher a tocar Surdo em uma Escola de Samba, Portela, ano de 1938.

Um belo e grandioso Salve pra nossa gente
(GRUPO AFRO AGBARA, 2021)

A programação de sexta e sábado contava com a exibição de dois filmes, seguidos de roda de conversa. Na sexta-feira teve a apresentação de uma pesquisa sobre o arco musical africano feita por Spirito Santo e em seguida exibição do filme *Natal da Portela* (1988). Foi uma noite belíssima em que tive a sorte de estar presente, mas que em outro momento trarei com mais detalhes.

Dando seguimento, no sábado, teve exibição de um curta sobre Paulo da Portela, seguido de uma exposição sobre o sambista, feita por Fábio Feliciano, historiador, morador do bairro e também vinculado ao Agbara Dudu. O domingo seria o dia “mais cheio”. Teve a primeira edição da Roda de Samba das Velhas Guardas das Rodas de samba - uma iniciativa surgida aqui no Quilombo -, teve roda de capoeira angola com o Mestre Manoel e Mestra Cristina, apresentação de blocos afro (Òrúnmilá, Filhos de Gandhi, Lemi Ayó e, o anfitrião, Agbara Dudu) e apresentação do candombe... Tudo isso na Praça Paulo da Portela, em meio a uma feira de artesanatos, além de comidas e livros que também faziam parte do evento.

Com tudo isso, a proposta do Encontro era, além de fazer um tributo a Paulo da Portela, homenagear Dona Dagmar do Surdo, primeira mulher a tocar surdo em uma escola de samba. E será sobre “homenagens” que irei falar.

Já era noite quando o Agbara, finalmente, ia se apresentar. Como era dia de ensaio de rua da G.R.E.S. Portela, a bateria da escola já estava se aquecendo há um bom tempo,

há poucos metros de nós, ali mesmo na praça. Havia uma certa tensão no ar, pela hora, mas também uma alegria por fazer esse encerramento tão esperado, digamos assim. Elias José, um dos presidentes da entidade, sendo a outra presidente uma mulher, Tânia Márcia (temos um homem e uma mulher como presidentes), começou a falar, como abertura, da homenageada da noite, Dona Dagmar do Surdo, que em razão de sua ausência aqui neste plano, foi representada por sua filha. Elias a chamou e, ao lado dela, uma senhora de trajés simples (uma saia, camisa de portela e chinelo nos pés), apoiada por uma muleta, parecia ouvir as palavras que ele proferia. Elias falava o quanto Dona Dagmar foi uma mulher à frente de seu tempo e reforçava a homenagem “humilde mas de coração”, a ela que não deveria ser esquecida.

A música escolhida foi "Mulher negra", um clássico do grupo, composto na década de 80 por Gabriel Lopes, um dos fundadores da entidade, presente neste momento.

Veio da África...
 E é feminina...
 Essa menina mulher...
 Seu ventre gerou e gera esta
 Raça com dor (ôôô)
 Mulher negra
 Mulher negra Iabá
 (Que sofre e ampara,
 que luta e chora)
 São verdadeiras divindades a conceber a luz do mundo
 Se faz presente na história
 Desde os navios negreiros

(Gabriel Lopes)

E eu fiquei ali, estatelada, olhando para uma amiga como quem dizia “olha isso!”. Sem luxo, sem luz, a maioria já visivelmente cansada, mas com um absoluto empenho em não deixar de dizer nem de cumprir com o desejado.

Após a introdução, à capela, de Dinha – uma das cantoras e também fundadoras do –a banda atacou. Infelizmente, poucos segundos depois, a bateria da Portela começa a tocar e mais uns segundos depois vem a ordem – contundente – para que a banda parasse. Não poderiam estar os dois ao mesmo tempo. Tivemos, todos, que esperar. Um misto de frustração, tristeza e resignação foi acrescido de muita paciência, com posterior alegria pelo ensaio da escola que havia começado. Algum tempo depois a bateria começa a andar em direção à Estrada do Portela e o silêncio retorna. Era a hora de recomeçar. Sei que a banda começou novamente, cantando Mulher Negra e dedicando à filha da Dona Dagmar.

Acabou que nesse segundo *round* eu também fui tocar. Estava lá atrás, tocando xequerê e tudo estava fluindo. Enquanto a Banda Dudu estava em cena, Elias anunciava a próxima música, falando sobre uma pessoa muito importante para o grupo, para que eles estivessem ali, pra ele enquanto negro e tudo mais. E falou desse "camarada".

Na hora eu fiquei pensando, e cheguei a comentar com uma amiga, também integrante do grupo que estava na minha frente: "Nossa, como o Agbara é educado". Isso, quase em tom de fadiga e um pouco cômico, lembrando em como esse tipo de intervenção acontece com frequência, lembrando da quantidade enorme de homenagens proferidas na comemoração de 37 anos da entidade, no ano anterior. E, após as palavras, Elias começou "*Madureira mandou dizer, me avisou que vai ter samba lá no matagal...*"; um reggae de Dhema, gravado por Serginho Meriti, um cantor e compositor bem conhecido no subúrbio. A letra dizia:

Madureira mandou dizer, me avisou que vai ter samba lá no matagal
 Vão rufar os tambores
 Senhor e senhoras vão, vai ficar legal
 Vai haver danças e cantos, candangos
 Batuques mais um ritual
 Quem não for não vai conhecer a força de um povo negro neste carnaval
 Diz que lá tem os negros, batuqueiros
 Que batem pandeiros muito bem
 E no pé, diz quem é
 Desenrola uma cultura de muito além
 Muito além de mares percorrido por um ser vivente
 No porão frio e solitário de um navio quente
 Entre chicotadas ardentes, repelentes e inconsequentes
 De senhores mal feitores que roubavam a liberdade da gente
 Mas sobretudo estamos aí...
 Nossa semente espalhou e vingou e daí e daí e daí e daí...
 Mas sobretudo estamos aí...
 Nossa semente espalhou e vingou e daí e daí e daí e daí...

(DHEMA - 1981)

Poucos minutos depois, fui sinalizada para abrir espaço para esse senhor passar. Ele veio, de muleta (parece que estava com um pé amputado) acompanhado da esposa. Só conseguia reconhecer ele dizendo, "Obrigada, obrigada". Ambos se abraçaram, Elias tentando continuar a cantar e em alguns segundos ele, o senhor, começou a chorar copiosamente. Ficaram os dois, pretos homens, ali, diante de mim, testa com testa. Foi tão lindo, tão intenso que não tive nem coragem de tirar uma foto. Mais uma vez fiquei ali, estatelada e ainda mais emocionada. Só de lembrar e estar ouvindo a música nesse momento - me emociono novamente.

Na hora percebi que não se tratava de educação, como a qualidade que tinha atribuído ao grupo, minutos antes. Me dei conta de que falava sobre reconhecimento. Como se, nas entrelinhas, estivesse sendo dito: “Sua presença importa aqui. Sua vida tem importância para nós”.

Talvez, o Agbara não fosse “educado”, mas estivesse fazendo – e ensinando – sobre a importância do reconhecimento. Talvez, essa “obsessão por homenagens” - característica presente também no Samba do Buraco do Galo – esteja falando disso. E qual efeito isso tem para as vidas, que, enquanto pertencentes a um povo, são frequentemente esquecidas e desvalorizadas?

7. O QUE É SER UMA PESQUISADORA NEGRA? Uma nota

Em vários aspectos, escrever essa dissertação foi mais difícil do que imaginei. Essa é uma forma de poder dizer sobre isso.

Tem algo que come o meu tempo.

Um funcionamento interno, singular, diz respeito a como opero na vida.

Porém, que modo de existir não tem história?

Depois de um banho de angústia e reflexão

Será que busco um diagnóstico? Pensava eu

Tem alguma origem a falta de foco e a dificuldade de concentração?

Depois da angústia

Meu diagnóstico primeiro é ser uma mulher negra

Não há espaço para a pausa

Quando sento para escrever

Penso na obra que tenho que fazer em casa ao vê-la se deteriorar

Ouçó as dores da minha mãe e penso:

Como resolvê-las?

Saio para o trabalho

Vejo minha madrinha carregando peso.

Nesse mesmo instante, é como se visse

todas as mulheres negras que conheço

carregando peso

porque, efetivamente,

eu já vi.

Há uma repetição na vida das mulheres negras.

Uma mulher negra nunca é uma só.

Sendo assim,

nesse mesmo instante

Lembro da minha mãe que fez a mesma coisa ontem.

Lembro de mim mesma no mercado e de todas as bolsas pesadas que carreguei para cruzar a cidade.

A vida me chama

É um vizinho que precisa ser socorrido.

É uma pessoa mais velha que me pede ajuda para mexer no celular.

É outra pessoa mais velha que precisa ser visitada.

Pois a morte anda próxima

E nós tememos a morte

Eu a temo, depois de tantas

Nesse *meio tempo*

Penso que tenho que me sustentar.

Penso que tenho que ganhar mais para me sustentar.

Penso que tenho que ganhar mais para me sustentar, pagar um plano de saúde

Para minha mãe

e suas dores.

Fazer obra e

Ajudá-la a carregar peso,

tudo isso enquanto o tempo não para.

Mas o tempo da escrita, da pesquisa, exige que pare

Em que tempo parar?

Parir muitas de mim

Não há espaço para pausa

Sinto uma carga.

Penso na comida e nas compras que tenho que fazer.

Se não, não como.

Dilemas da vida real, não é?

Minha mãe oferece ajuda

mas,

se eu aceitar

ela carrega mais peso.

A repetição de estar sozinha em um lugar de gerenciamento

é uma satisfação que vem junto com o peso da solidão.

O que vejo ao meu redor é a repetição

Mulheres negras esgotadas,

cansadas,

“na luta” e na “correria”.

Digerindo mortes, indo ao mercado e resolvendo a vida delas e dos outros

E um baile vez sim, vez não

A vida as chama

“Na luta” e “na correria”

São as respostas que ouço quando pergunto às mulheres negras ao meu redor se estão bem. Essa já é também, aos 28 anos, a minha resposta

Essas mulheres não tiram férias

não pensam em sair do Brasil quando os preços aumentam e

A aposentadoria não representa o fim, mas a continuidade do trabalho e este nunca se esgota.

Onde está a pausa?

Administrar o tempo,

dizer não,

dar limite para si e para o outro.

Como? Se às vezes nossa própria dinâmica e, por outras, nossa necessidade é o fazer?

Caminhar nesse meio entre não estar presente sem estar ausente.

Foi o maior desafio dos últimos tempos

Pesquisar sendo uma mulher negra

morando no subúrbio é estar dentro de uma enxurrada de

estímulos,

traumas,

solicitações

e parar.

Caçar estratégias de sobrevivência às vezes demora. Tarefa impossível?

A organização demanda, leva tempo,

é processual e tem jeito.

O racismo não.

Entender a natureza do processo de pesquisar que exige pausa,

reflexão,

sistematização,

equipamento,

estrutura material e emocional.

Esse processo de formação que tanto ouço na voz do professor

Exige, mais uma vez, pausa

Como parar?

E, no meio disso tudo,

o chamado espiritual.

Também,

não deve ter sido à toa.

Outro elemento: **ciclicidade.**

Ninguém fala

Habitar o corpo de uma mulher que menstrua

e que mensalmente experimenta movimentos,

ondas hormonais que alteram,

organicamente,

a capacidade de concentração,

a disposição física e mental

foi uma experiência interessante de rendição e ao mesmo tempo de angústia.

Quando o tempo da vida não é o nosso

Quando muitas das vezes

Entubam nossas necessidades forjando um corpo-máquina

Meu lugar não é aqui

O que eu vim fazer aqui?

Reformular a escrita

Respirar

Rever

Reler

Reencontrar referências perdidas

Encontrar referências que podem ser movidas

Escrever para encontrar o mundo que está diante de mim

Render

De rendição

Se essa pesquisa não tivesse sido compartilhada,

eu tenho dúvidas de como a concluiria.

As conversas sobre a pesquisa encheram a ela e a mim de vida

Substratos difíceis de tornarem-se letras

A interface vida-pesquisa-escrita é tão próxima e ao mesmo tempo tão distante

Ouvi orações

Ouvi palavras de força e encorajamento

Debati assuntos

Vivi assuntos

Recebi lágrimas e

Confirmações

Mais uma vez, me rendi ao impossível do tempo,

Da completude e da paz

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visceralmente, a proposta deste trabalho era dividir caminhos de cura a partir da minha experiência - que não é única e total – apostando na coletividade dos atravessamentos de uma existência negra. Diante de um cenário desafiador secular para a

população negra, a intenção era também de provocar a reflexão sobre direcionamentos de trabalho e cuidado, além de, é claro, ressaltar a força de cura que abrigamos em nós.

As experiências de desconexão ressaltadas sobretudo a partir do contexto escolar-universitário, do contato com o mundo branco e da perspectiva de embranquecimento, buscaram evidenciar os danos visíveis e invisíveis que as expressões do racismo no mundo provocam. Ao mesmo tempo, os relatos das experiências nas instituições escolhidas, o contato com a dimensão de uma memória que se fez viva, a oralidade, a afetividade e o pertencimento despontaram como os caminhos de reestabelecimento e formação de um corpo negro agora habitável. Importante consideração é entender que o contato com a comunidade se fez não apenas como agente curador de feridas provocadas pelo racismo, mas efetivamente como agente de formação. Em ambas as instâncias - de desconexão e conexão - buscou-se evidenciar as implicações político-psicológicas destes movimentos.

Os desafios multifatoriais da pesquisa foram expostos tanto na *Apresentação* deste trabalho quanto na nota *O que é ser uma pesquisadora negra?*. Ainda assim, ao mesmo tempo em que reconhecemos a força da experiência vivida, reconhecemos também as limitações técnicas na forma como ela se expressou em entrelace com a discussão intelectual.

Além disso, considerando a grandiosidade e relevância que as instituições citadas têm, certamente sabemos que não foi possível abarcá-las no alcance de seus efeitos intergeracionais, entretanto, confirmamos sua importância concreta e atual. Concluímos serem os elementos citados acima como essenciais no processo de fortalecimento de pessoas negras, bem como percebemos as instituições e organizações culturais negras como instrumentos políticos de cura.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Apology to People of Color for APA's Role in Promoting, Perpetuating, and Failing to Challenge Racism, Racial Discrimination, and Human Hierarchy in U.S.:** resolution adopted by the apa council of representatives on october 29, 2021. Resolution adopted by the APA Council of Representatives on October 29, 2021. 2021. Disponível em: <https://www.apa.org/about/policy/racism-apology> . Acesso em: 08 jul. 2022.

BARROS FILHO, José. INDO A NINA RODRIGUES: as “premissas” de as raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. **Caderno Pós Ciências Sociais**, São Luís,

v. 2, n. 4, p. 7-31, jul./dez. 2005. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/231/163>> . Acesso em: 02 mai. 2020.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos – modos e significações**. Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília, 2018.

_____. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política do SUS**. Brasília, 2010.

_____. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS - PNPIC-SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde)

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Introdução: A Psicologia Social Comunitária. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.35-53

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no brasil**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CARVALHO, J. J. de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, [S. l.], n. 68, p. 88-103, 2006. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i68p88-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13485>. Acesso em: 31 jul. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. Acesso em: 5 jun. 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf>.

CUNHA, Washington Dener dos Santos. Samba, história e territorialidade: uma história da Grande Madureira. In: RIBEIRO, Ana Paula Alves; VIDAL, Gabriel da Silva (org.). **Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da grande madureira**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. p. 25-40.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 38, n. 3, p. 450-464, set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-37030003262017>. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DHEMA, **Madureira, E Daí?**. Intérpretes: Serginho Meriti. Polydor, 1981. LP. Disponível em Serginho Meriti - Madureira, e Daí? (1981). Acesso em: 10 jul. 2021

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 74-95.

_____. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de conceição evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p.26-47

FEDERICO, Roberta Maria. **Psicologia, raça e racismo**: uma reflexão sobre a produção acadêmica brasileira (2001- 2012). 2014. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. Editora Filhos de África, 2018.

GRUPO AFRO AGBARA. **Os nossos Tambores irão rufar sob o signo da Cosmogonia africana**. Rio de Janeiro. 18 dez. 2020. Instagram: @grupoafroagbara. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CI3IZI8HDCu/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva. **Cadernos Ihu Ideias**, São Leopoldo, v. 15, n. 254, p. 3-20, Não é um mês valido! 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/254cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIEBERMAN, Matthew D.. **Social**: why our brains are wired to connect. New York: Crown, 2013.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. **O genocídio do negro brasileiro**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana, Editora Filhos de África, 2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2008. 272 p. (Coleção Sankofa - Volume 1)

NETTO, Paulo Roberto. : **Deputada estadual protocola projeto para remover estátuas de escravocratas em São Paulo.** 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/deputada-estadual-protocola-projeto-para-remover-estatuas-de-escravocratas-em-sao-paulo/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de. A busca da oralidade: o encontro com mulheres negras. In: SANTOS, Abrahão de Oliveira (org.). **Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas.** Niterói: Eduff, 2021. p. 57-62.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem.,** Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Abr 2020.

PAIXÃO, Tulane Oliveira da; As publicações das revistas de Psicologia: uma análise da abordagem da questão negra e do pensamento social brasileiro. **Anais do III COPENE SUL – Negras e negros no Sul do Brasil: Desenvolvimento, Patrimônio e Cultura Afro-brasileira.** Florianópolis, Santa Catarina. Realizado entre 10 e 13 de julho de 2017.

POLIVANOV, Beatriz. Reapropriações do conceito de comunidade na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación,** v. 11, p. 110-120, 2015.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo, Imprensa Oficial de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RODRIGUES, RN. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, 95 p. ISBN 978-85-7982-075-5. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/h53wj/pdf/rodrigues-9788579820755.pdf>> .Acesso em: 02 mai. 2020.

SACCO, Airi M.; COUTO, Maria Clara Pinheiro P.; KOLLER, Silvia H.. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. **Temas em Psicologia,** Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 233-250, 2016. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2016.1-16>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000100012. Acesso em: 01 ago. 2021.

SANTOS, Abrahao de Oliveira. O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional. **Psicol. cienc. prof.,** Brasília, v. 39, n. spe, e222113, 2019. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222113>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000500305&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2020. Epub Aug 15, 2019.

Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e nas ciências humanas. Niterói: Edufd, 2020. Disponível em: <https://m.eduff.com.br/produto/saberes-plurais-e-epistemologias-aterradas-caminhos-de-pesquisa-na-psicologia-e-ciencias-humanas-e-book-pdf-487>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA: UMA PERSPECTIVA NÃO INSTITUCIONAL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. 24, p. 241-259, fev. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/583>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTOS, Abrahão de Oliveira; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de. O bloqueio epistemológico no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, p. 250-260, 6 mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53993#:~:text=Fazemos%20um%20percurso%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o,e%20aperfei%C3%A7oada%20com%20Gilberto%20Freyre>. Acesso em: 10 jul. 2022

SANTOS, Abrahão de Oliveira; SILVA, Viviane Pereira da. A Pesquisa no Kitembo - pistas para a construção de uma psicologia aterrada. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Design.com V. 11 N. 1, julho 2018. pp. 7-20. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SANTOS, Elisângela da Silva. O legado de Virgínia Leone Bicudo para a sociologia da infância no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 48, n. 170, p. 1194-1217, dez. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053146009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/S5H7k58GGBv737kmzd5K98v/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Psicologia social comunitária: dá solidariedade à autonomia**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.35-53

SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 37, n. spe, p. 172-185, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000500172&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 mai. 2020
SILVA, Rosalina Carvalho da; SIMON, Cristiane Paulin. Sobre a diversidade de sentidos de comunidade. **Psico**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-46, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161548>. Acesso em: 24 fev. 2021

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOMÉ, Malidoma Patrice. **Ritual, healing, power and Community**. [S.l.]: Penguin Books, 1997.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. [S. l.]: ODYSSEUS, 2003. 143 p.

_____. Vivendo com propósito e desenvolvendo seus dons. YouTube, 9 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y_q5wfmHkI8&t=139s>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 535-549, 2016.